

INFORMALIS

Arte em espaços não-formais e informais



CADERNO DE ENSAIOS VISUAIS

Período letivo 2020.2

Robson Xavier da Costa
Maria Betânia e Silva
(Org.)



INFORMALIS

Arte em espaços não-formais e informais



CADERNO DE ENSAIOS VISUAIS

Período letivo 2020.2

Robson Xavier da Costa
Maria Betânia e Silva
(Org.)



Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização de seus autores.

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

ORGANIZAÇÃO

Robson Xavier da Costa
Maria Betânia e Silva

DIAGRAMAÇÃO

Anna Rayanne Lins de Moraes
Eduardo Bezerra de Oliveira Silva
Flaviana Lima de Oliveira da Silva
Leandro Ismael de Azevedo Lacerda

CAPA

Leandro Ismael de Azevedo Lacerda

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

I43 Informalis: arte em espaços não-formais e informais : caderno de ensaios visuais : período letivo 2020.2 [recurso eletrônico] / Organização: Robson Xavier da Costa, Maria Betânia e Silva. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

Recurso digital (15,3MB)
Formato: ePDF
Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader
ISBN: 978-65-5621-131-2

1. Artes Visuais - Ensino. 2. Arte - Espaços informais e não-formais. 3. Arte e Educação. 4. Ensaios Visuais. I. Costa, Robson Xavier da. II. Silva, Maria Betânia e.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 7.01:37

SUMÁRIO

INFORMALIS: ARTE EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS E INFORMAIS



APRESENTAÇÃO.....	4
ENSAIOS VISUAIS	
CAMINHO PARA OZ: FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL.....	7
Anna Rayanne Lins de Moraes	
(RE)CRIANDO INQUIETAÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO DECOLONIAL.....	15
Auvaneide Carvalho	
ECOS DO CORPO EM EXPRESSÃO.....	25
Cleyton de Melo Nóbrega	
ENTRE ELEFANTES BRANCOS: A GRAVURA COMO EXPERIÊNCIA EXPANDIDA.....	35
Cris Peres	
RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE: ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS.....	48
Eduardo Oliveira	
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL COMO PRECETOR DA IDENTIDADE SOCIAL.....	53
Flaviana Lima	
REFLEARTE: ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS.....	61
Jefferson Valentim	
QUEM ENSINA ARTE NOS MUSEUS?.....	68
João Baía	

ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS.....	72
Laídia Evangelista	
LIBERTAS: FRAGMENTOS DE UM “NÃO-LUGAR”.....	82
Leandro Garcia	
ARTE-EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CIDADÃ: A URGÊNCIA DE UMA PRÁTICA SUBVERSIVA.....	90
Leandro Ismael de Azevedo Lacerda	
EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: NOVOS CAMINHOS.....	96
Naliana Mendes	
PARTICULARIDADES E POTENCIALIDADES DO/NO ENSINO DE ARTE EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS E ALÉM-MUROS.....	109
Niara Mackert Pascoal	
CONEXÃO CONTÍNUA: O ENSINO DAS ARTES VISUAIS.....	120
Raquel Nascimento de Brito Vasconcelos da Silva	
ARTE E EDUCAÇÃO: A INTERCONEXÃO QUE TRANSFORMA.....	131
Vanessa Vera do Nascimento	
SETA: ARTES VISUAIS EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS.....	143
Vânia Mefano	

APRESENTAÇÃO

ENSAIOS PARA (RE)CRIAR (RE)EXISTÊNCIAS

Considerações de Aninha

Melhor do que a criatura,
fez o criador a criação.
A criatura é limitada.
O tempo, o espaço,
normas e costumes.
Erros e acertos.
A criação é ilimitada.
Excede o tempo e o meio.
Projeta-se no Cosmos.

Cora Coralina

A sede de conhecimento e a sensibilidade artística são apenas dois dos muitos elementos que serviram de base e que nutriram a produção deste livro, composto por Ensaio Visuais, protagonizados pelos/as estudantes, que foram gestados em um componente curricular do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE intitulado *Ensino das Artes Visuais em Espaços Não-Formais e ou Informais*. A obra foi concebida durante o contexto pandêmico do Covid-19 em sistema de aulas remotas.

Com a pandemia o isolamento social se fez necessário, embora nem sempre tenha sido efetivado. Além do problema sanitário global, das inúmeras e insubstituíveis perdas, dos sofrimentos familiares, a Covid-19 também impactou profundamente os meios acadêmicos, no contexto da pós-graduação, em questão de dias fomos desafiados a migrar de atividades acadêmicas presenciais para o universo remoto, com aulas síncronas e assíncronas, saímos de ambientes institucionais para trabalhar em ambientes domésticos, com toda a sua complexidade, dividindo a atenção com ações do cotidiano.

No campo da pós-graduação em artes visuais os laboratórios de práticas criativas e as salas de aula são espaços fundamentais para os processos de criação coletivos e para a experimentação, com o isolamento social esses espaços tornaram-se inviáveis. No PPGAV UFPB/UFPE fomos desafiados a continuar investindo nos processos de pesquisa em ambiente remoto.

Pesquisas em andamento foram (re)definidas, atividades de campo substituídas por atividades online, docentes e discentes foram instigados/as a reinventar suas práticas, arquivar atividades consolidadas e reconstruir processos, meios e abordagens. Todos os trabalhos aqui reunidos enfatizam o quão importante é o campo da Arte para a leitura de mundo, sua compreensão e intervenção no mesmo. Ressaltam as múltiplas potencialidades dessa área de conhecimento e evidenciam o intenso processo educativo, reflexivo e transformador da educação em artes visuais.

Todas as pessoas apreendem o mundo por meio do contato cotidiano com imagens, sejam mentais, virtuais ou concretas, somos bombardeados diuturnamente com uma profusão de imagens. Sonhamos com imagens e reconfiguramos nossa existência todos os dias por meio da produção, seleção e consumo de imagens.

A Arte se constitui da existência humana. Amplia nossos pontos de vista, nos faz ver, sentir, tocar, ouvir além do óbvio. Desacomoda, questiona, inclui, reúne, aproxima, oxigena a vida. Através dela nos desenvolvemos como pessoas e nossas relações com o mundo e com os outros são dilatadas.

Informalis Arte em espaços não formais e informais provoca diálogos! Traz questões sobre a arte/educação em espaços não-formais. Discute a acessibilidade e articulação entre os diferentes espaços. Destaca a necessidade de uma formação decolonial. Questiona o papel dos museus como instâncias que podem/devem desenvolver uma educação para emancipação das pessoas. Põe a performance como processo de aprendizagem e criação em espaços expositivos. Apresenta a criação em

gravura no campo ampliado a partir da fotoperformance. Reforça a ação educativa das Organizações Não-Governamentais. Ressalta a urgência de eliminar as barreiras físicas, atitudinais e comunicacionais por meio da multissensorialidade. Reflete sobre diferentes metodologias, estratégias e práticas abordadas nos espaços não-formais de educação. Saliencia a importância da reflexão em arte, mediação e educação voltadas à juventude. Indaga sobre quem ensina nos museus e sobre o acesso aos bens culturais. Problematisa a natureza contemplativa de uma obra de arte no ambiente museológico. Focaliza na função social dos museus. Realça atividades artísticas desenvolvidas em projetos sociais. Destaca a cidade como espaço sociocultural educativo. Apresenta distinções entre o que é uma educação formal, não-formal e informal. Chama o Estado à responsabilidade social. Evidencia a arte que transforma!

Por meio da Arte somos convidados a resignificar o mundo porque ela pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas cheio de atenção! Nos tornamos (re)criadores/as de novas (re)existências.

Compreendemos que ao produzirmos imagens estabelecemos diálogos e marcamos nossa trajetória, possibilitando aos leitores/espectadores/as múltiplas interpretações de mundo. Nas imagens demarcamos nossos lugares de fala, nossa assinatura, nossa marca, todos/as somos capazes de (re)criar imagens, (re)desenhando visualmente nossas experiências, estabelecendo diálogos com outras pessoas e projetando outras possibilidades de existência, tornando-se autores/as de nossas próprias histórias. Assim, diante das múltiplas temáticas apresentadas os/as leitores/espectadores/as são convidados/as a mergulhar nas potencialidades da leitura imagética!

Então, excelente leitura!

Robson Xavier da Costa
Maria Betânia e Silva

Primavera de 2020, durante a Pandemia do Covid-19

CAMINHO PARA OZ:

FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL

Anna Rayanne Lins de Moraes¹

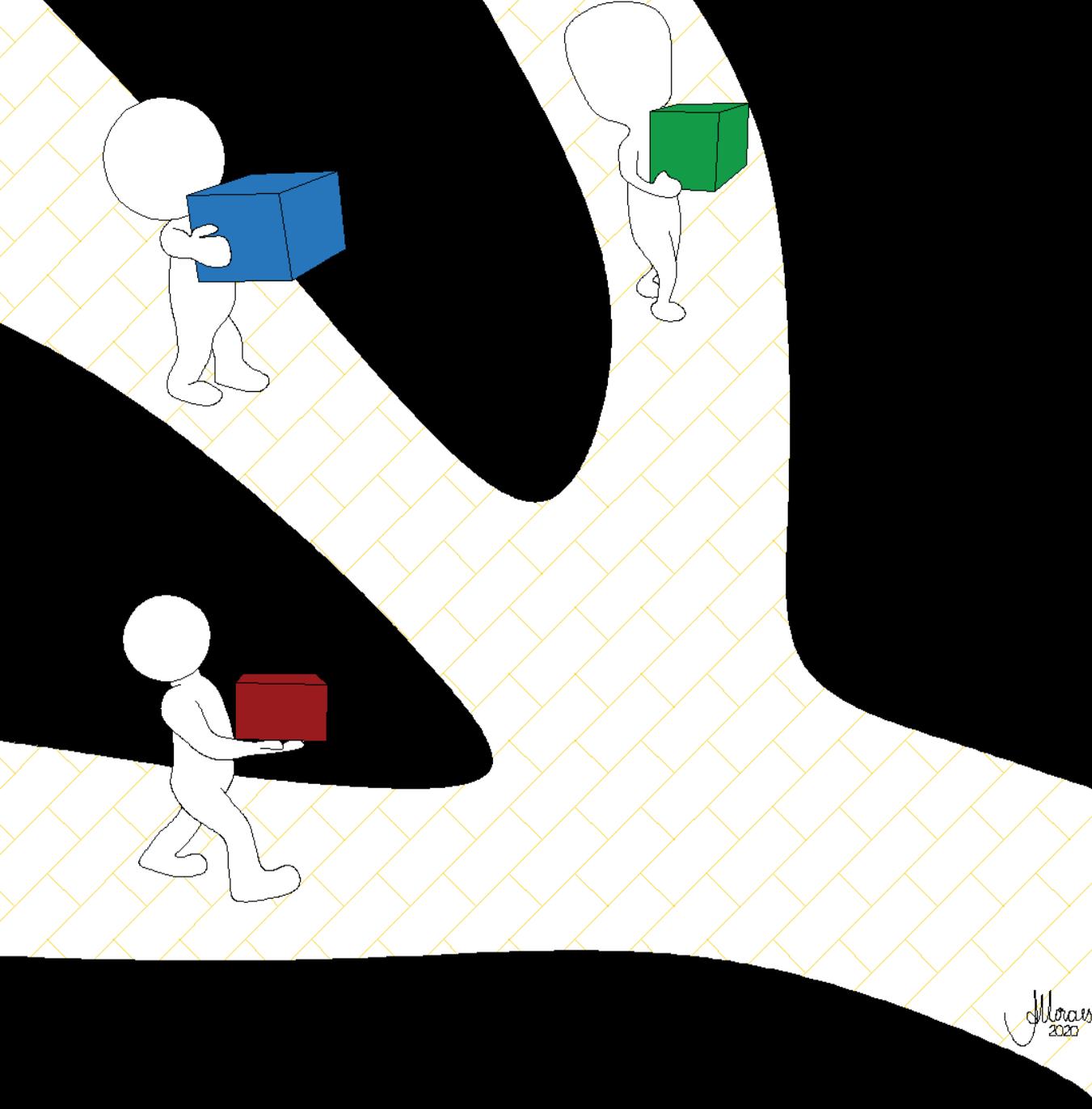
O presente ensaio visual foi produzido a partir das reflexões do componente curricular “Ensino das Artes Visuais em Espaços não-formais e/ou informais”, ofertada pelo Programa de Pós - Graduação Associado da Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal da Paraíba (UFPE/UFPB), e ministrada de maneira remota pela professora doutora Maria Betânia e Silva e pelo professor doutor Robson Xavier da Costa. Este ensaio visual é composto por 7 textos visuais, nos quais versou sobre a questão da arte-educação em espaços não formais. Uma das questões levantadas pelos textos visuais é a dificuldade de articulação e a falta de acessibilidade entre os espaços de ensino formal e não formal, quando é salutar que estes laços sejam estreitados, visto que a escola é vital para a acessibilidade cultural das/os discentes.

Embora os espaços formais e não formais possuam o mesmo objetivo de construir o conhecimento em arte, porém trilham caminhos diferentes. Ambos podem compartilhar com suas experiências e metodologias de forma enriquecedora, tecendo a teia do conhecimento cada um a seu modo, mas atingindo o mesmo objetivo: a arte como transformação. Com as teias, acessos, tecidos, tramas e caminhos em mente, esta série de imagens foi intitulada “Caminho para Oz: formal, informal e não-formal”.

¹Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Especialista em Paisagismo pela FCHE (2017), Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE (2013). Atualmente integra a Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, atuando nas Escolas Técnicas Estaduais como professora do Curso Técnico em Design de Interiores.

Palavras-chave:

arte-educação;
espaços não-formais;
acessibilidade cultural;
ilustração digital;



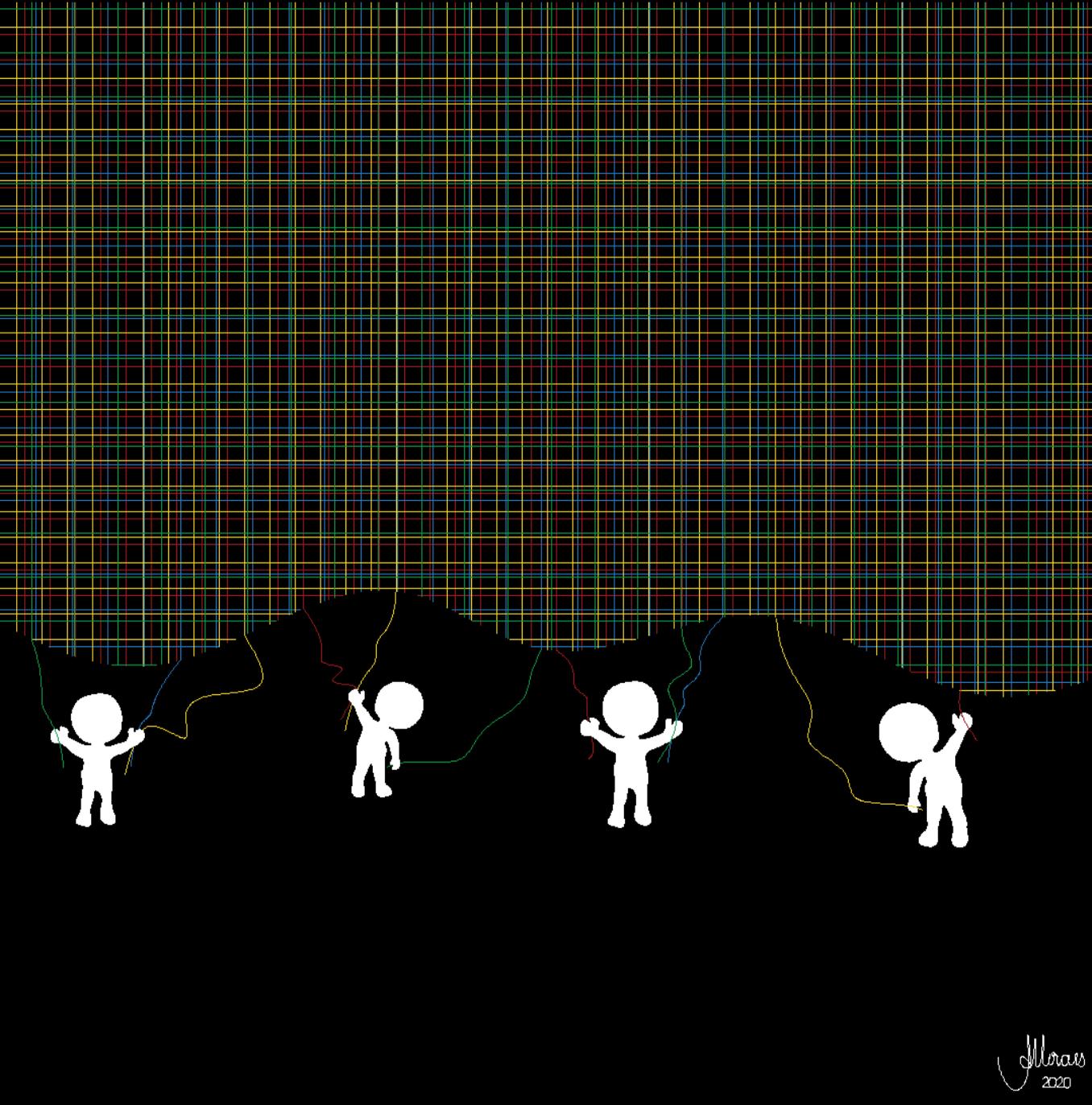
Autor: Anna Moraes

Título: Caminho para Oz: formal, informal e não-formal

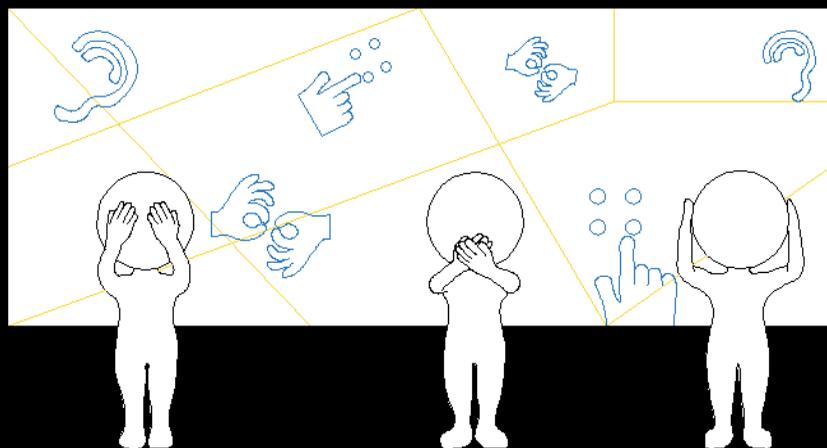
Data: 2020

Técnica: Ilustração digital

Moraes
2020



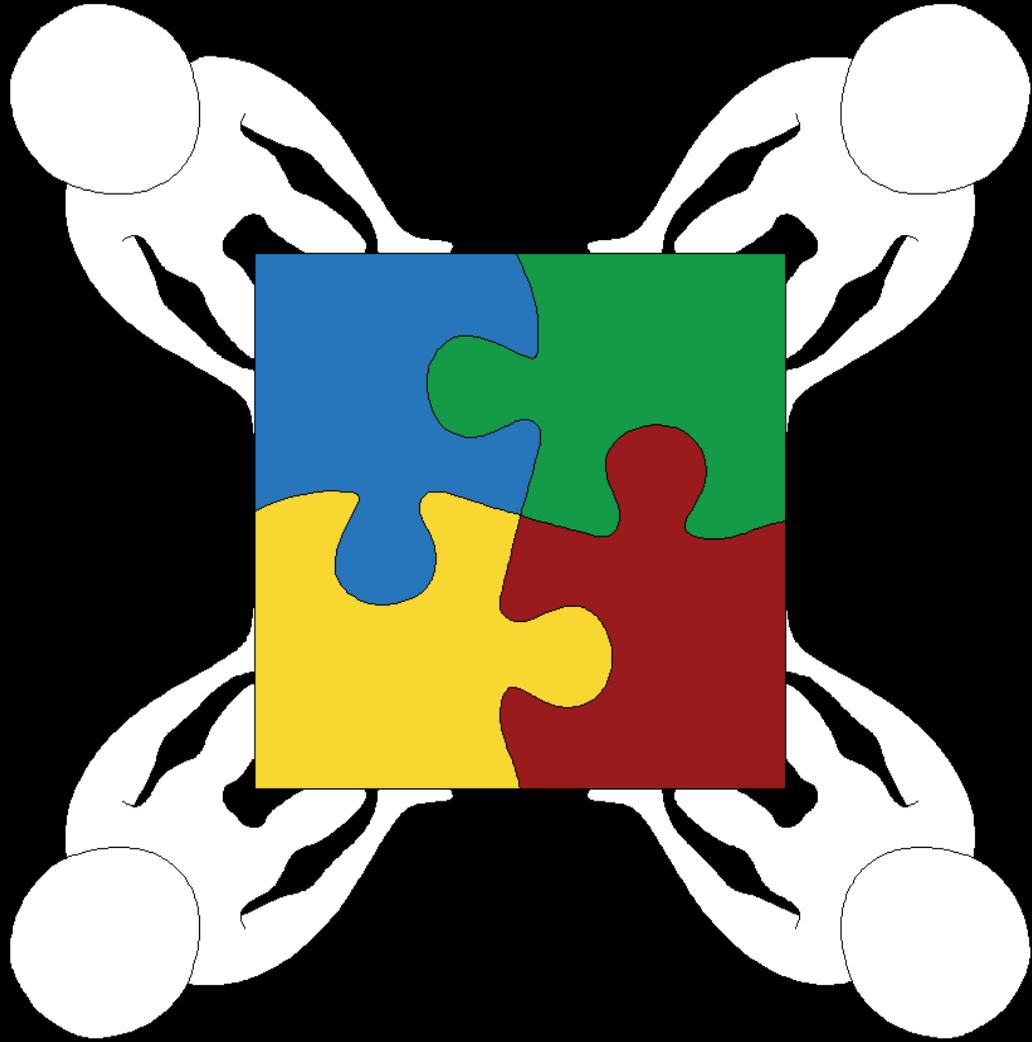
Autor: Anna Moraes
Título: Tecido do terceiro setor
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



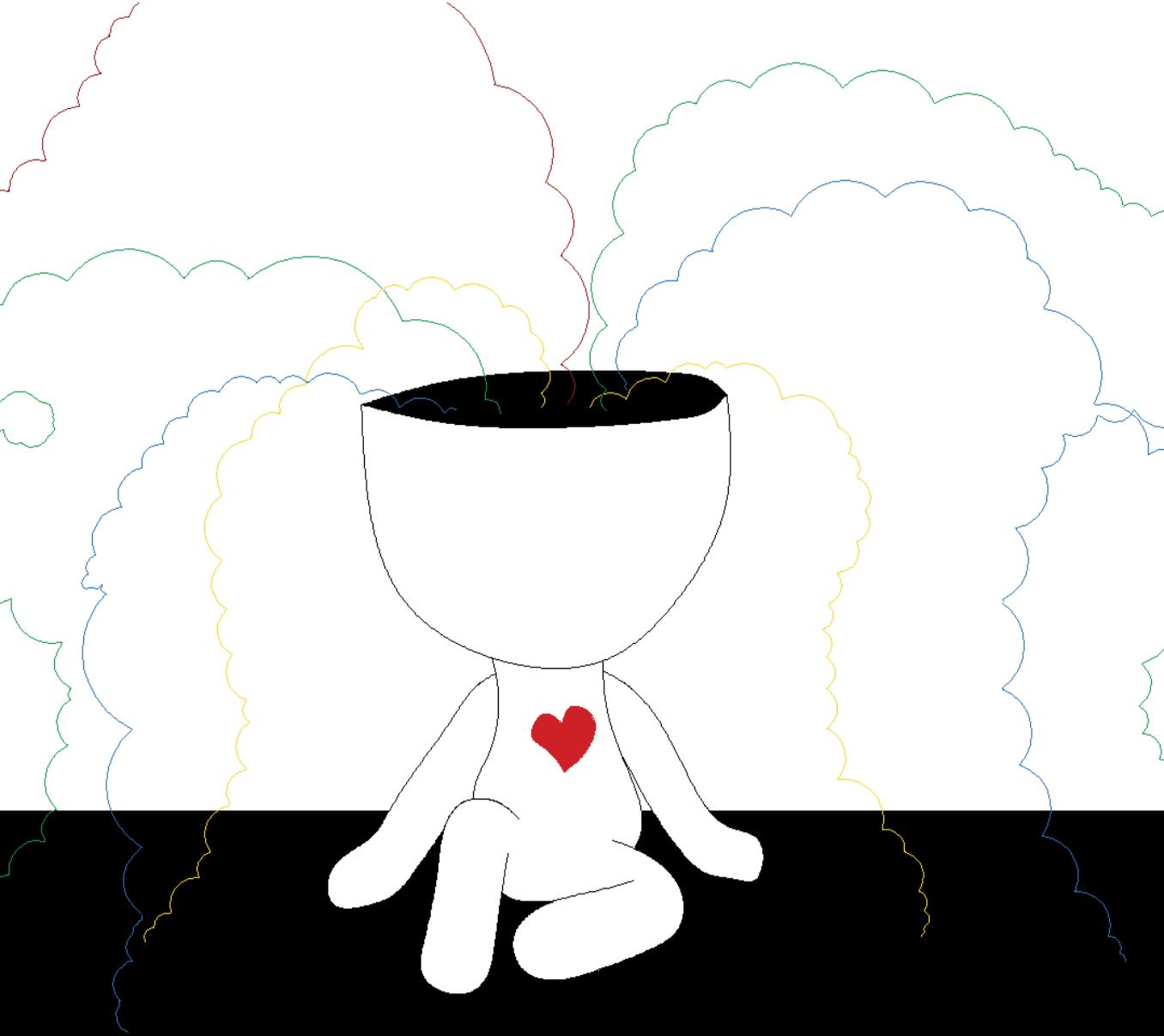
Autor: Anna Moraes
Título: Acesso
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



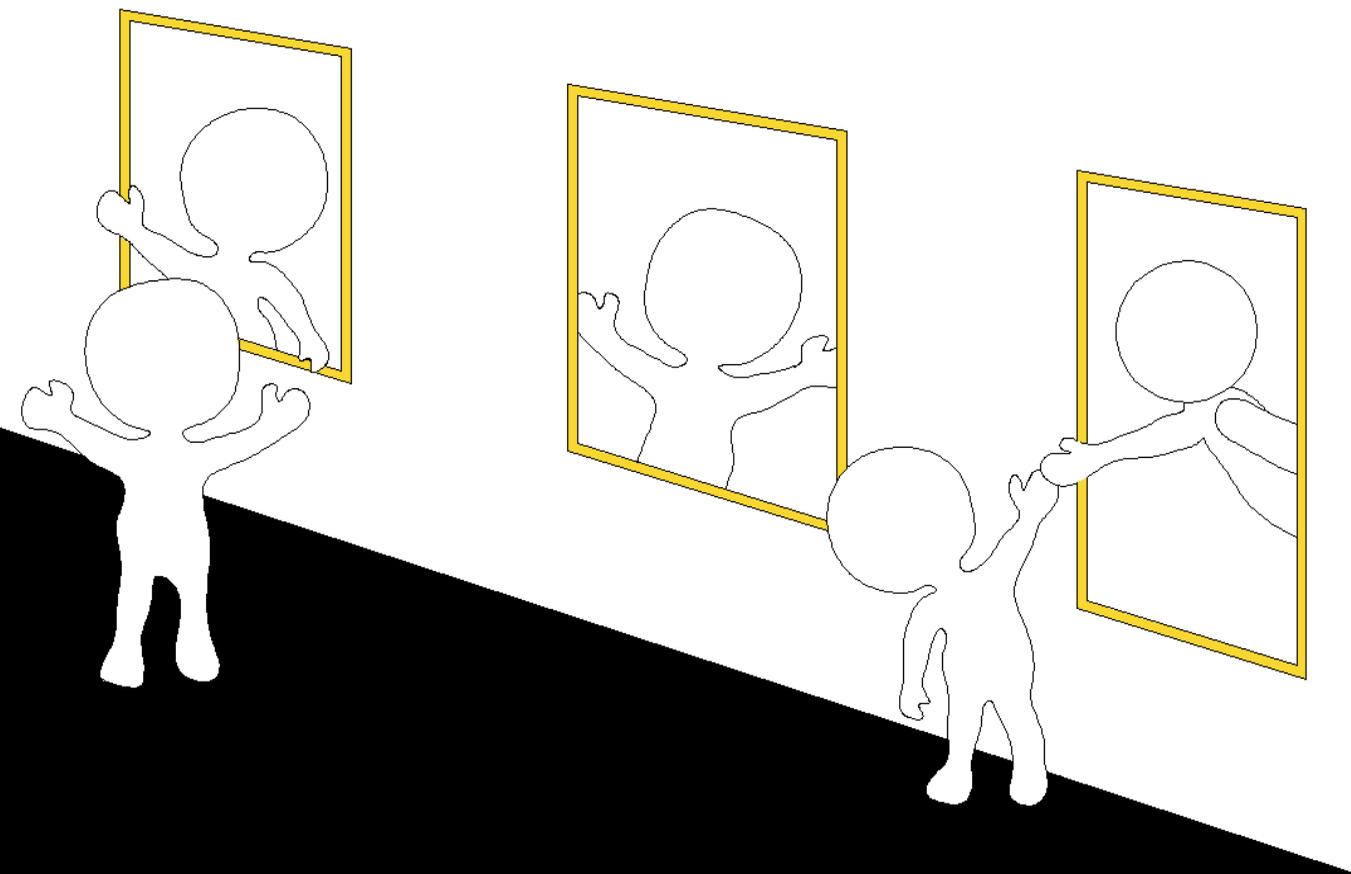
Moraes
2020



Autor: Anna Moraes
Título: Educação museal
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



Autor: Anna Moraes
Título: Museu=memória=raízes
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



Autor: Anna Moraes
Título: Mediação do futuro
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



Autor: Anna Moraes
Título: Refém
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital

Anna
2020

(RE)CRIANDO INQUIETAÇÕES

PARA UMA FORMAÇÃO DECOLONIAL

Auvaneide Carvalho¹

A proposta desenvolvida deste ensaio visual consistiu em elaborar três séries com imagens artísticas nomeadas “**Forma**”, “**Tripé da Colonialidade**” e “**Romper**” com fotografias produzidas como registros de resumo das discussões na disciplina Ensino das Artes Visuais em espaços não-formais e/ou informais da turma de Mestrado 2020.2, como reflexão crítica e performativa sobre a produção de conhecimento docente pelo viés decolonial.

No entanto, pensar arte/educação decolonial não significa deslegitimar o saber artístico na perspectiva da Europa e dos Estados Unidos, e sim romper com os padrões ditatoriais eurocêntrico/estadunidense de nossa sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTQIA+fóbica e racista. E podendo assim construir uma consciência política, uma potencialização de questionamentos anti-hegemônicos e anti-hierárquicos em favor do pensar/ fazer/ ser/ sentir e lutando para estabelecer uma sociedade justa.

Dessa forma, pensar a formação das/os arte/educadoras/es por meio da lente decolonial será possível resgatar as nossas identidades centradas a partir de nós mesmos, do que produzimos nas artes e culturas visuais, causando deslocamentos importantes na construção do conhecimento da arte em espaços formais e não formais da educação a fim de superar as colonialidades que nos aprisionam.

¹Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (2019). Atualmente é professora - Escolinha de Arte do Recife, arte/educado - Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis e professora de artes visuais - Colégio Alpha. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais.

Palavras-chave:

decolonial;
formação;
arte-educação;
desobediência docente;

Na contramão desta formação eurocêntrica/estadunidense que nos aprisionam é que Eduardo Moura (2018) vai trazer a '*desobediência docente*', que implica desenvolver uma formação docente pelo viés decolonial como forma de problematização das hierarquizações que legitimam a colonização do ser, do poder e do saber. Nos procurando encontrar estratégias que (re)criar vivências e experiências estéticas com a arte e uma reflexão crítica sobre o processo de produção do conhecimento em arte partindo de uma perspectiva decolonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-BARBOSA, A. M. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. 3º Ed. São Paulo-SP: Ed. Cortez, 2010.

-HERNÁNDEZ, Fernando. **A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de Arte Visuais**. In: OLIVEIRA, Marilda OliveiraS; HERNÁNDEZ, Fernando (org). A formação do professor e o ensino das artes visuais. Santa Maria - RS: Ed. da UFSM, 2005. cap. 1, p. 23 – 42.

-MOURA, Eduardo Junior Santos. **Des/obediência na de/colonialidade da formação docente em arte na América latina (Brasil/Colômbia)**. 2018. 249f. Tese (Doutor em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte – MG, 2018.

-OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. 2010. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_pedagogia_antirracista_anticolonial_br.pdf>. Acessado em 12 de abril de 2018.

-QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas Latino-Americanas. Colección Sur Sur. CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, p. 227-278, 2005.



Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Forma"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Forma"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



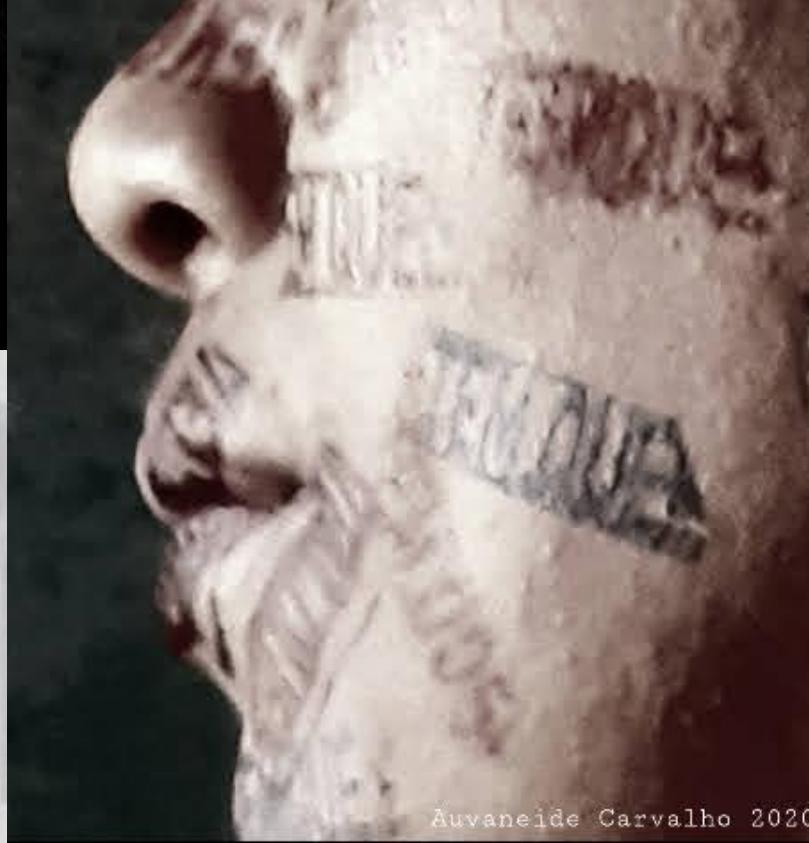
Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Forma"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Forma"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Auvaneide Carvalho 2020



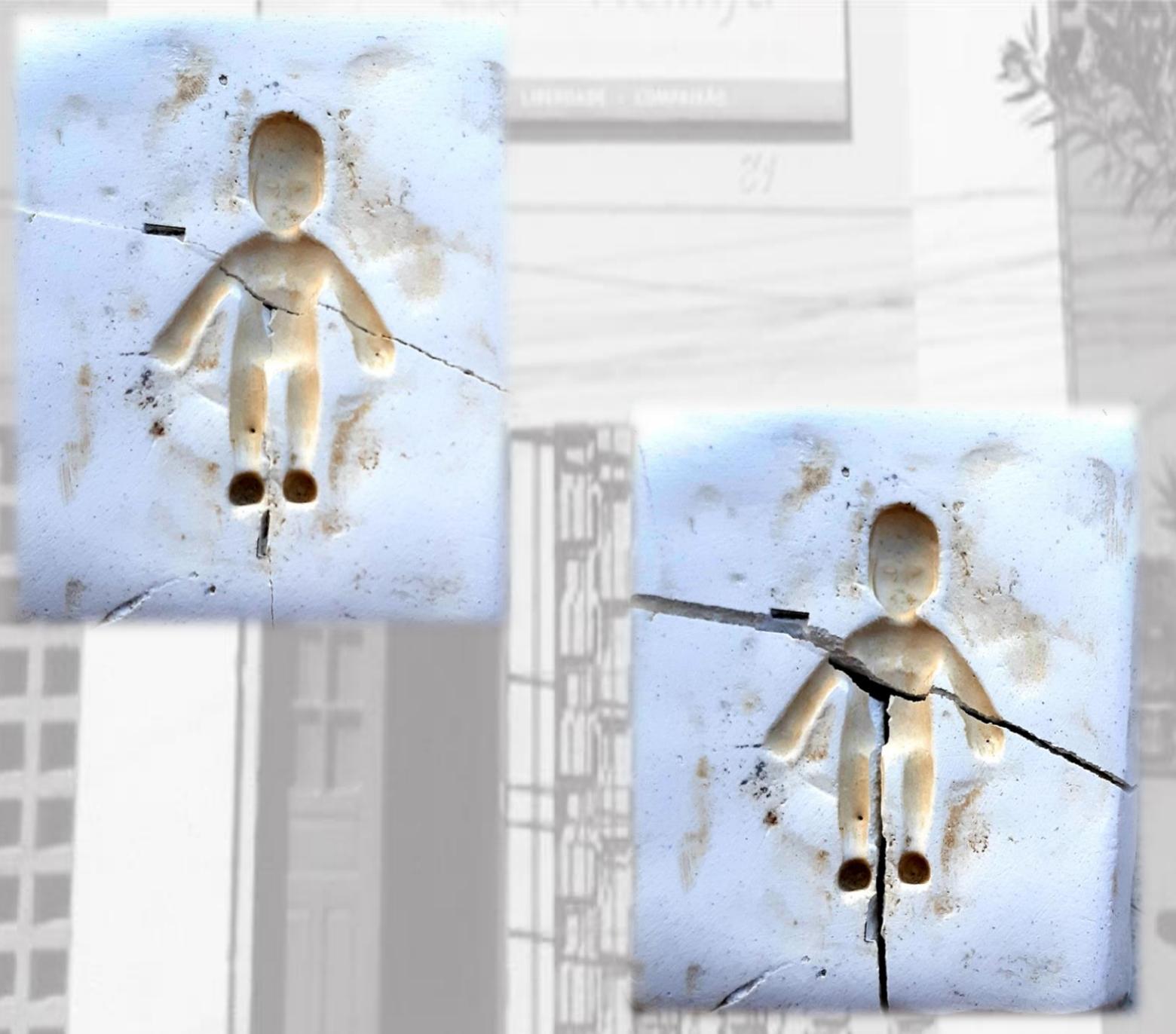
Auvaneide Carvalho 2020

Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Tripé da Colonialidade"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Auvaneide Carvalho 2020

Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Tripé da Colonialidade"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Romper"
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Auvaneide Carvalho
Título: Série "Romper"
Data: 2020
Técnica: Fotografia

Cleyton de Melo Nóbrega¹

Entre as particularidades comportamentais e individuais, construímos a dialética do cotidiano e a performamos dentro dos grupos sociais aos quais pertencemos. Na performance o comportamento dos sujeitos sociais afloram arquétipos. Essa correlação está associada às vivências das pessoas nos centros urbanos ou rurais, onde elas vivem experiências que repercutem em seus corpos, nas práticas e nos comportamentos sociais. O espaço da *pólis* pode ser representado como palco da subjetivação, o que pode nos levar a refletir sobre o corpo-político, o que (im)pomos e vivenciamos no cotidiano. Também podemos com/sobre esse corpo, divagar sobre elementos que vão além do sujeito e suas características físicas. Esses corpos-políticos também representam os lugares de origem, pois se configuram como referências virtuais de onde cada um surge e para além disto.

São os nossos corpos a casca de nossas essências espirituais, a casca de nossa consciência, imaginação e significações quanto ao mundo e tudo que nos cerca neste planeta. O corpo que se coloca em cena afeta e é afetado, e que no ato performativo, potencializa essas relações construídas entre corpo e mundo, performer e público. A educação, voltada para o despertar de pensamento crítico, a educação libertadora, acarreta a emancipação intelectual, que pode ser relacionada aos espaços educacionais não formais.

Os museus enquanto espaços de mediação, devem levar os públicos a questionar, problematizar, contextualizar suas temáticas, criando ligações entre o público as comunidades e as cidades nas relações

¹Currículo: Mestrando do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, Recife-PE. Possui Graduação em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE - (2018), Recife-PE. Especialista em Museus Identidades e Comunidades FUNDAJ - (2019), Recife-PE. Atualmente é crítico teatral da plataforma Vendo Teatro. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em teatro, arte-educação, mediação cultural e artística por meio da linguagem da performance em espaços expositivos/culturais.

Palavras-chave:

corpo-político;
museus;
mediação;
fotoperformance;

de experimentações construídas ao pensar a museologia, o museu enquanto palcos da experiência. a obra de arte é um elemento propiciador de uma educação mais ampla, que considere o sujeito receptor não apenas como sujeito racional, mas como sujeito, ator-social dotado de sentidos e afetividades – despertar esses sentidos e afetividades contribui também para o enriquecimento cognitivo desse mesmo sujeito- dessa forma, sair de uma função explicativa da mediação para uma função criativa e facilitadora da construção de sentidos, possibilita ao mediador realizar um trabalho de educação museal que valorize o sujeito autônomo o que garante-lhe a emancipação.

Este ensaio visual dialoga com os sentidos polissêmicos inerentes ao uso da performance em espaços expositivos/culturais e a minha trajetória nesses espaços. Permeia-se por caminhos que estão ligados aos processos de aprendizagens, criação, apresentação e formação enquanto artista, a/r/tógrafo.

A construção de um diálogo de pesquisa permeado através da A/r/tografia, possibilita a reflexão sobre as potencialidades da pesquisa em artes, e, evidência às inúmeras formas e/ou práticas de se fomentar, pesquisar e fazer artes. O que de maneira diretiva contempla e aloca este ensaio visual de acordo com esse preceito. Além de explicitar a relação de construção de saberes e potencialidades artísticas no que tange a educação em espaços não formais, levando em consideração momentos que considero importantes na minha carreira e vida pessoal ligados a mediação cultural e artística, em meio às potencialidades inerentes ao fazer artístico e performativo, educativo e cultural que fazem parte dos inúmeros signos e características característicos da educação não formal.



Autor: Cleyton Nóbrega
Título: Pureza Tupiniquim
Data: 2015
Técnica: Foto-performance



Autor: Cleyton Nóbrega

Título: Igualdade e diferença (espetaculinho)

Data: 2017

Técnica: Fotografia



Autor: Cleyton Nóbrega
Título: Igualdade e diferença (espetaculinho)
Data: 2017
Técnica: Fotografia



Autor: Cleyton Nóbrega
Título: Pureza Encarnada
Data: 2017
Técnica: Foto-performance



Autor: Cleyton Nóbrega
Título: Pureza Encarnada
Data: 2017
Técnica: Foto-performance



Autor: Cleyton Nóbrega / Guga Dogão
Título: Atravessamentos urbanos
Data: 2016
Técnica: Foto-performance

ATRAVSSAMENTOS ESTÉTICOS

ARTE

RESISTÊNCIA

CIDADE

20 de Maio

\ \ \ 14 h

VAGAS LIMITADAS

+INFO | 12121-0349

Autor: Cleyton Nóbrega / Guga Dogão

Título: Atravessamentos estéticos (divulgação)

Data: 2016

Técnica: Foto-grafite



Autor: Cleyton Nóbrega
Título: ONG Portal das Artes – Recife (PE)
Data: 2016
Técnica: Fotografia

ENTRE ELEFANTES BRANCOS

A GRAVURA COMO EXPERIÊNCIA EXPANDIDA

Cris Peres¹

O ensaio visual titulado “Entre elefantes brancos” foi composto por trabalhos artísticos em gravuras no campo ampliado, monotípias, construções visuais a partir de fotoperformance e sobreposição de imagens. O plástico esteve presente na construção das obras escultóricas por meio da moldagem e enquanto matriz de impressão, os registros performáticos apontam o corpo negro matriz, entintado e opaco, análogo ao fragmento descartado no contexto social. As aparições das imagens criam apêndices com as narrativas visuais e pontuam o complexo das aproximações entre os indivíduos e as coisas que os cercam.

Os resultados são fruto da pesquisa que realizo a três anos em gravuras expandidas, junto a desdobramentos recentes das possibilidades de integração do pensamento gráfico às práticas relacionais e decoloniais. As narrativas urbanas e a memória são reproduzidas por esculturas em gesso e concreto, a união de forças entre o construtivo e o destrutivo são metaforizados pelos sedimentos e os descartáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Editora Martins Fontes. São Paulo: 2009

-DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.

-LIPOVETSKY, Gilles. & SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Companhia das Letras, São Paulo: 2015.

¹Cris Peres é artista visual paraibana, pesquisadora e concluinte do bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Tem o trabalho voltado para a experimentação, partindo do princípio da gravura no campo ampliado. Utiliza o produto industrial, principalmente o plástico, como plataforma de processo, abordando a inquietude do ser no meio em que se projeta. Participou de exposições coletivas na cidade de João Pessoa e Recife, sua primeira individual aconteceu em 2019 na Galeria Casarão 34 titulada Vocabulário do Vazio.

Palavras-chave:

campo ampliado;
experiência expandida;
fotoperformance;
gravura;

Maneira branca

Corpo matriz

Autor: Cris Peres
Título: Maneira branca
Data: 2020
Técnica: Fotoperformance

O corpo negro se apresenta enquanto matriz, entintado e opaco, análogo ao fragmento descartado no contexto social. Pontua o complexo das aproximações entre os indivíduos e as coisas que os cercam.

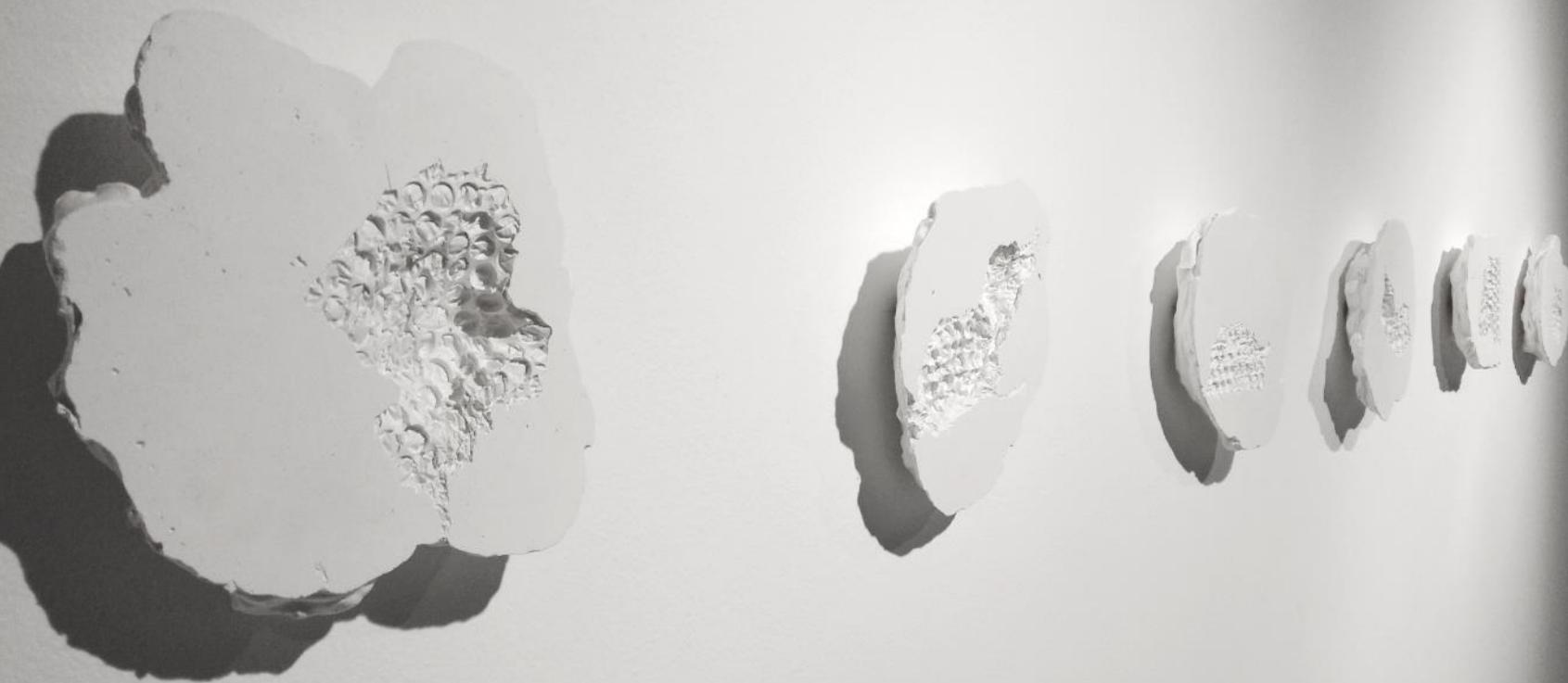
A construção desse trabalho permitiu o encontro da gravura com elementos mistos e o corpo matriz. A partir da apropriação do termo "Maneira negra" presente em uma das classificações da gravura em metal, refleti sobre a particularidade inerente à esta técnica a respeito do desgaste da matriz para obtenção do preto latente da tinta. Este traço metodológico atravessa a discussão- ainda que simbólica- da presença do corpo negro na história da gravura, esforço este gasto e corroído símile a placa em metal.

Autor: Cris Peres
Título: Maneira branca
Data: 2020
Técnica: Fotoperformance

"Maneira branca" satiriza o termo contrário, contesta através da mancha alva os apagamentos históricos lidos e não lidos.

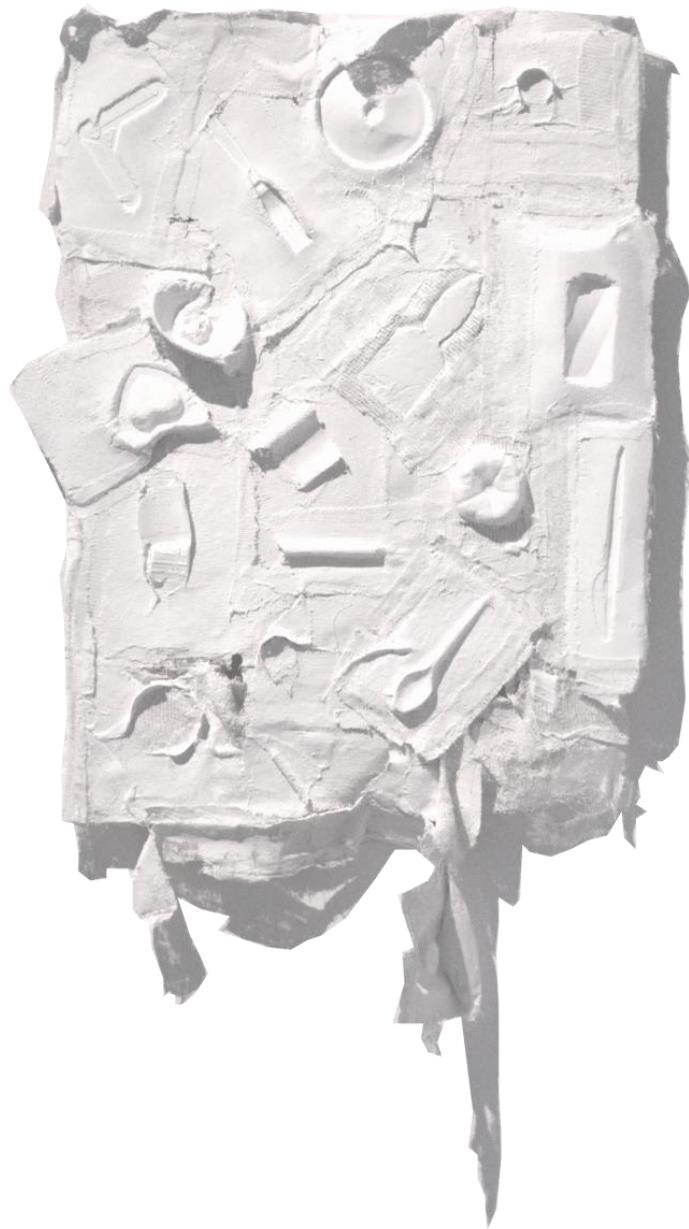
A obra está sempre ausente, em outro lugar. Essa relação, que me parece o traço distintivo da gravura como questão estética, acarreta consequências precisas: o branco da estampa não é um espaço vazio, como o branco do desenho; ao contrário, é justamente o ponto em que a superfície da chapa apoia na superfície do papel, sem intervalo – é o cheio (...) O preto, por outro lado, é o buraco onde a tinta afunda: uma massa tanto mais densa quanto o oco é o vazio que a produz. (...) A plenitude dos brancos e o abismo dos pretos carregam na gravura uma intensidade existencial que é impossível com outros meios. Talvez seja por isso que todas as gravuras, sem exceção, são melancólicas. (MAMMÍ, 2012, p. 179)

Autor: Cris Peres
Título: Maneira branca
Data: 2020
Técnica: Fotoperformance



Autor: Cris Peres
Título: Territorialidades
residuais
Data: 2019-2020
Técnica: Gesso e plástico

Autor: Cris Peres
Título: Territorialidades
residuais
Data: 2019-2020
Técnica: Gesso e plástico



Os resultados pálidos destacados através da moldagem em gesso e concreto reivindicam a formalidade do cubo branco, ironizam a rotina e se conciliam com o amparo da familiaridade entre os formatos de utilitários plásticos, assim como as alegorias de um objeto real transformado em relíquia. Estas gravuras expandidas se dispõem como agente de integração entre arte e vida, tanto pela escolha dos materiais até a disposição dos resultados nos espaços expositivos.

Autor: Cris Peres
Título: Memorial
Data: 2019
Técnica: Gesso e plástico



Narrativas urbanas

Autor: Cris Peres
Título: Narrativas urbanas
Data: 2020
Técnica: Fotoperformance



As narrativas urbanas e a memória são reproduzidas por esculturas em gesso e concreto, a união de forças entre o construtivo e o destrutivo são metaforizados pelos sedimentos e os descartáveis. As gravuras-objetos e as impressões offset foram produzidas com base na reprodução seriada do plástico e sua aglomeração no espaço urbano, sentidos que apontam para problemáticas reconhecidas na condição pós-moderna ou como afirmou Lipovetsky (2015) hipermoderna, onde o lixo se tornou uma narrativa social.

Partindo deste princípio, “Entre elefantes brancos” procura sublinhar a presença nociva da obsolescência mundial, a partir dos polímeros como metáfora a variadas discussões.

Autor: Cris Peres

Título: Vô

Data: 2020

Técnica: Scanner plástico

Autor: Cris Peres
Título: Arqueologia do
amanhã.
Data: 2019
Técnica: Gravuras-objeto-
concreto, pigmento industrial
e plástico





Como a/r/tógrafa, (artista/ educadora/ pesquisadora) disponho-me a levantar questões acerca da conscientização do espaço, dos meios de convívio e do papel da arte em agenciar esta reflexão. A condução realizada pela gravura imprime mais uma possibilidade de multiplicidade da linguagem, cada vez mais próxima às práticas não-formais presentes nos métodos a/r/tográficos (DIAS; IRWIN, 2013) e nas intervenções relacionais.

A gravura expandida oportuniza a possibilidade de uma arte participativa, ou seja, “uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (BOURRIAUD, 2009, p.7).

Autor: Cris Peres
Título: O vales abrigam
Data: 2020
Técnica: Concreto, plástico e offset

Autor: Cris Peres
Título: Híbrido
Data: 2020
Técnica: Fotoperformance e
impressão



Observei nos deslocamentos gráficos em outros suportes, a possibilidade de integração que parte de um recurso antigo e se reinventa por meio de práticas contemporâneas relacionais, desse modo, a linguagem se descola da tradição e do *métier* e passa a pertencer o “entre” mutável.

A dinâmica ocasionada por essas mudanças colaborou para que a impressão fosse inserida ao campo ampliado, proporcionando a reflexão sobre a herança moderna de separação e a pós moderna de expansão dos conceitos. Refleti neste ensaio visual a narrativa do uso e descarte do “plástico” sob sua ótica originária, sem intenções de buscar o embelezamento e reparações estéticas, uma vez que a vida, o estilo, a cultura, as artes fazem parte do mesmo tecido fatídico de relações.

RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS

Eduardo Oliveira¹

Para criação das ilustrações, foi utilizado o software Adobe Illustrator sobre esboços a lápis e/ou fotografias. A opção por vetores se deu pelo fato desse formato ser bastante utilizado em materiais didáticos, um dos focos da educação não-formal.

A primeira ilustração remete ao ensino de artes visuais em ONGs e recebeu o título **Cores como identidade**. A imagem busca mostrar que o alcance das ONGs pode chegar a locais onde a educação formal muitas vezes não obtém êxito efetivo. Nesse contexto, pode-se descobrir um grande universo particular de uma comunidade que, para ser compreendido, deve ser vivenciado de perto.

A segunda ilustração foi criada fazendo referência à prática de mediação em museus e instituições culturais. **À nossa memória** é uma imagem que convida a refletir sobre as possibilidades de identificação entre peças dos acervos de museus brasileiros com relação a nossa etnia, ou seja, se as peças em exibição fazem alusão ao contexto vivenciado pela maior parte da população ou se exibe símbolos comuns a um grupo hegemônico.

Fazendo alusão à multissensorialidade e acessibilidade em instituições culturais, a terceira ilustração, intitulada **Múltiplas sensações**, aborda os desafios criados pela sociedade com relação às pessoas com algum tipo de deficiência e as possibilidades que podem ser desenvolvidas em espaços culturais para eliminar barreiras físicas e atitudinais. Mesmo espaços sacralizados cujo cuidado com a preservação das peças deve ser constante, existem possibilidades de interação que podem ser implementadas sem que se quebrem as regras.

¹Eduardo Bezerra de Oliveira Silva possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atua no ramo editorial como ilustrador e produtor de conteúdo para livros didáticos na área de Artes. Também atua como arte/educador no Instituto Ricardo Brennand, desenvolvendo atividades de mediação e produção de material lúdico.

Palavras-chave:

arte-educação;
identidade;
inclusão social;
ilustração;

Reagrupamento de uma aldeia é o título da quarta ilustração. Foi criada como síntese imagética da mediação com interface público/arte. A imagem sugere que uma mediação pode promover grandes encontros entre indivíduos e suas raízes histórico-culturais. Por acontecer num sítio arqueológico retratando vestígios e artefatos indígenas, a imagem sugere um encontro com nosso passado ancestral.

A quinta e última imagem recebe o título de **Realidades paralelas** e mostra os contrastes da cidade como espaço da infância. Dois meninos estão utilizando roupas idênticas que tanto simbolizam uma provável paixão pelo mesmo time de futebol quanto um possível uniforme de prisioneiros. No atual contexto social brasileiro, as crianças vivem presas em suas realidades e são impedidas de desfrutar da cidade por inteiro, ficando restritos a determinados locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-FARIAS, R. N. P., MÜLLER, F. **A cidade como Espaço da Infância**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017.

-MOURA, E. J. S., **ARTE/EDUCAÇÃO DECOLONIAL na América Latina**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 1, p. 31-44, jan./jun. 2019.

-FILHO, A. J. J., **Artes Visuais em um espaço não formal de educação: uma mostra e uma experiência de mediação como interface público/arte**. 396 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 396-411, set./dez. 2016.

-ARANHA, C. S. G., CANTON, K. (org), **Espaços da mediação : a arte e seus públicos**. São Paulo : Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2013.

-SARRAF, V. P., **Reabilitação do Museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade**. 2008. 180p.: II. Dissertação (Mestrado). – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação/Escola de Comunicação e Artes/USP. 2008.



Autor: Eduardo Oliveira
Título: Cores como identidade
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital

1



2



¹Autor: Eduardo Oliveira
Título: À nossa memória
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital

²Autor: Eduardo Oliveira
Título: Múltiplas sensações
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



¹Autor: Eduardo Oliveira
Título: Reagrupamento de uma aldeia
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital

²Autor: Eduardo Oliveira
Título: Realidades paralelas
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

COMO PRECETOR DA IDENTIDADE SOCIAL

Flaviana Lima¹

A educação não-formal trata da aprendizagem durante o processo de socialização do indivíduo. Já o termo “espaço – não formal de Educação” converge para o lugar em que é possível desenvolver atividades educativas, para além da escola. Ambos vêm tratar das experiências e competências: sociais, emocionais, cognitivas e morais, compartilhadas em atividades coletivas e cotidianas que podem ser promovidas pela comunidade, indivíduo ou pelo “mundo”.

A educação não-formal caracteriza-se pelo processo de aprendizagem e exercício de práticas que possibilitam aos indivíduos fazerem uma leitura de mundo a partir de seu ponto de vista, desenvolvido a partir da experiência em ações organizadas segundo os eixos temáticos: questões étnico-raciais, gênero, geracionais e de idade, etc. (GOHN, 2009)

Para Maria Gohn (2006), o principal educador em espaço não-formal de educação é o “outro”, são os pais, família, todos que de certa forma participam do dia-a-dia destes indivíduos, sem desconsiderar os *território/espacos* que acompanham o curso de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas e/ou instituições regulamentadas.

Algumas atividades como o uso de tecnologias tem propiciado este *espaço* de interação e aprendizagem não convencional, em que algumas barreiras físicas são quebradas, o que por vezes oferece um lugar de democratização e compartilhamento do saber.

¹. Flaviana Lima Oliveira da Silva com formação em Design pela UFPB. Aluna especial da Pós Graduação Computação, Comunicação e Artes da UFPB.

Palavras-chave:

arte-educação;
espaços não-formais e informais;
território e interação;
colagem digital;

Segundo Fleming *apud* Jardim Filho (2016) “no computador, a interação continua sendo duas ou mais pessoas realizando uma troca, mas neste caso, a interação é mediada pela tecnologia”.

As reflexões acima nos permitem pensar na importância do estudo voltado a educação em espaço não-formal. A disciplina intitulada por Ensino das Artes Visuais em Espaços Não-formais fomentada pelo Mestrado Associado em Artes Visuais UFPB/UFPE propôs um estudo investigativo sobre as diferentes metodologias, estratégias e práticas abordadas pelo ensino em espaços não formais. Com o percorrer da disciplina foi elaborada uma produção imagética como resposta aos textos propostos para leituras e discussões, espaço cedido para expor pensamentos extraídos e absorvidos por cada aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALADO, P.. O papel da educação não-formal na inclusão social: a experiência do Programa Escolhas. INTERACÇÕES NO. 29, PP. 60-94 (2014). <http://www.eses.pt/interacoes>.
- EÇA, Teresa Torres. **Submergir-se: incorporar espaços (in)habitáveis**. Revista Gearte, v.1, n.1, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/46543/31242> – Acesso em 11/08/2020.
- FARIAS R. N. P. I, MÜLLERI F. **A Cidade como Espaço da Infância**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623654542>
- GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

- GOHN, M G. **Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social.** Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009

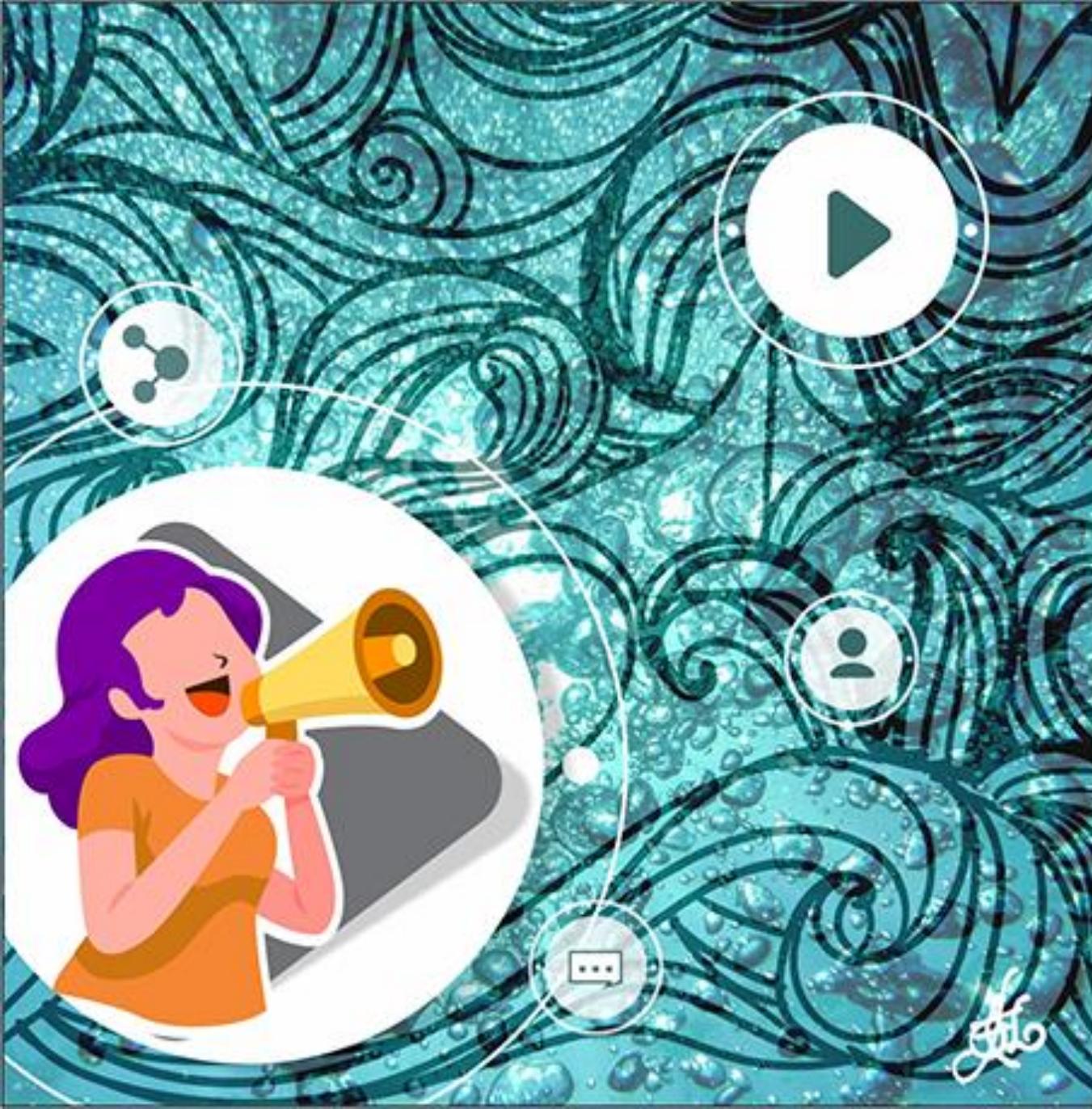
- JARDIM FILHO, Airton Jordani. **Artes Visuais em um espaço não formal de educação: uma mostra e uma experiência de mediação como interface público/arte.** Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 396-411, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>.

-TOJAL, A. P. F.. **Acessibilidade e inclusão de públicos especiais em Museus.** <http://arteinclusao.com.br/wp-content/uploads/2019/01/caderno-de-acessibilidade-expomus.pdf>

The background of the page is a teal-toned collage. It features several puzzle pieces of various shapes and sizes, some of which are partially overlapping. In the background, there are faint, overlapping silhouettes of human profiles, suggesting a collective or social context. The overall aesthetic is modern and digital.

A construção da identidade do indivíduo perpassa por este lugar de aprendizagem coletiva a partir das relações/conexões que se firmam e constrói, o conhecimento adquirido a partir de sua própria prática é determinante nesta formação.

Autor: Flaviana Lima
Título: Identidade Social
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Utilizada a imagem que remete ao lugar de fala (protagonismo), que como as ondas do mar sofrem ação que provocam o movimento, a saída da inércia. Este lugar é provocado (inspirado) por artifícios externos e internos a partir das interações e intervenções sociais.

Autor: Flaviana Lima
Título: Ondas de protagonismo
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



A sociedade com a digitalização (tecnologias) passa por uma democratização uma transformação social, unido a este advento todos os meios perpassam por esta mudança. Barreiras são rompidas e novas experiências vividas.

Autor: Flaviana Lima
Título: Barreiras que se rompem
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



A cidade como espaço não formal de educação, desempenha enquanto lugar de interação, comunicação e encontro, a possibilidade das crianças desenvolverem suas experiências e memórias. Contudo, esta construção é particular ao indivíduo, devido à variabilidade social, histórica e cultural.

Autor: Flaviana Lima
Título: Memórias
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Olhar o indivíduo como particular, com limites, experiências é uma missão que precisa de atenção nos diversos lugares sociais e no meio cultural não seria diferente, precisamos garantir o acesso, o direito de ir e vir da pessoa humana.

Autor: Flaviana Lima
Título: Um olhar para a acessibilidade
Data: 2020
Técnica: Colagem digital

REFLEARTE

ARTE-EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS

Jefferson Valentim¹

Os ensaios são formados por duas técnicas, a ilustração bidimensional e a colagem. Na primeira, foi feito uso de matérias de diversas texturas superpostas e colocadas lado a lado para criação de uma nova imagem. Na ilustração bidimensional foi feito em superfície traços vetoriais por meio de ferramentas digitais para compor a imagem. Os ensaios que serão exibidos são frutos uma complexa reflexão acerca da arte, mediação e educação nos espaços formais, não formais e informais com a juventude.

1. Artista visual, estudante de Comunicação Social - Educomunicação e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Jefferson pesquisa arte digital, o ensino da arte digital em espaços de educação formal e/ou não formal e cria sistemas inteligentes voltados para arte. Atuou em pesquisa e extensão ensinando fotografia, bem como, em produção artística. Atualmente pesquisa no Programa do Radiotelescópio BINGO e trabalha com ilustração e animação na Pensar e no Grupo Stefanini. Ademais, Jefferson desenvolve game educacionais e aplicativos educacionais e é coordenador e membro do grupo de Estudos Paulo Freire (GESPAUF), pertencente a Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão - FURNE, e foi premiado como um dos 30 melhores Estudantes empreendedores do estado da Paraíba pelo Desafio Universitário SEBRAE D.U.E

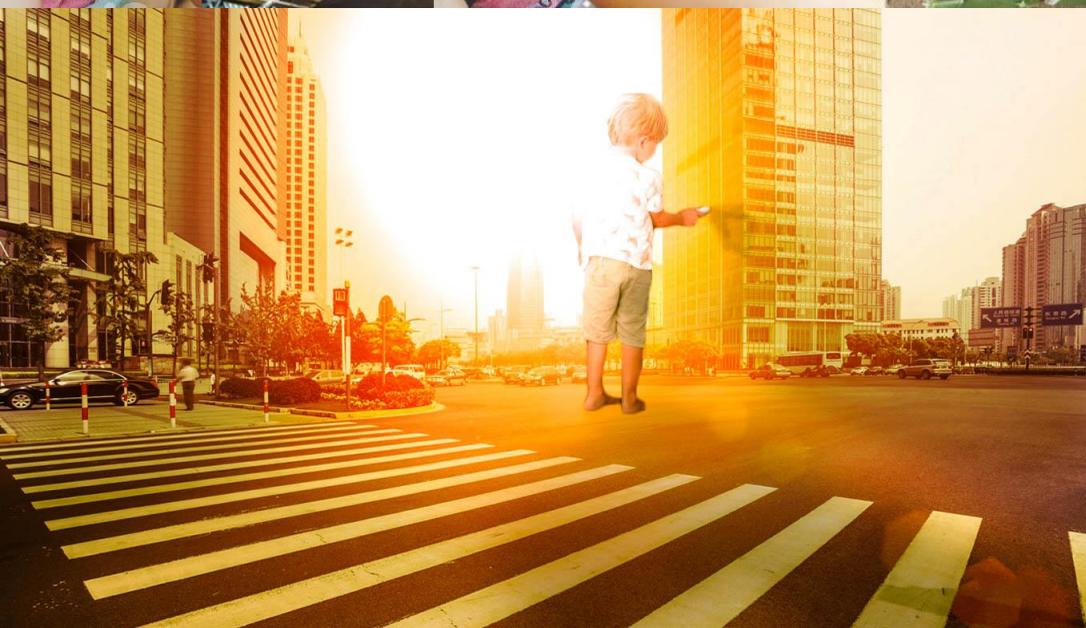
Palavras-chave:

arte-educação;
ilustração;
colagem digital;



Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Colagem digital

Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Colagem digital





Descolonizar

Atividades museais

Expor

Salvaguardar

• C. Atitudinal



Conceito

A
r
t
e

Museu

E
M
O
R
I
A



Mediador

P
L
I
T
I
C
A

Abordagem construtivista



Políticas de atuação educativa diferentes
Museu de Serralves, Porto
Tate Modern, Londres
Serpentine Gallery, Londres
MUDAM, Luxemburgo

Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Jefferson Valentim
Título: Sem título
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital

QUEM ENSINA

ARTE NOS MUSEUS?

João Pinto Baía¹

Esse ensaio visual busca problematizar as questões referentes ao ensino da Arte em espaços não-formais e/ou informais no Brasil, principalmente no que se refere ao ensino das Artes em espaços culturais como museus e as questões referentes a quem ensina diretamente nesses espaços, bem como aqueles que tem ou não o acesso aos bens culturais no Brasil, dessa forma, foram produzidas 3 imagens digitalmente que se assemelham a placas de aviso que observamos cotidianamente em nosso dia a dia, essas placas contem frases com perguntas ou afirmações referentes as questões trabalhadas diretamente na disciplina “Ensino das Artes Visuais em Espaços não-formais e/ou informais”, ministrados pela professora doutora Maria Betânia e Silva e pelo professor doutor Robson Xavier da Costa, pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, de maneira remota no período de 2020.2

A primeira imagem, chamada “Quem ensina Arte nos museus?” busca refletir sobre a importância do educador dentro desse espaço cultural, bem como tentar criar um questionamento no público sobre essa função crucial dentro desse espaço. A segunda imagem tem o título de “O tempo livre juvenil” e busca problematizar as questões referentes ao trabalho infante/juvenil e os seus efeitos sobre o público menos favorecido da população brasileira, que por causa de diversos fatores acabam tendo menos acesso aos bens culturais em comparação aos jovens mais privilegiados. A última imagem tem o título “Democratização e acesso aos bens culturais” busca, através de um texto irônico, juntar os conceitos das duas obras anteriores e demonstrar a consequência direta da falta da democratização dos bens culturais.

1. É artista, professor e pesquisador no campo das Artes Visuais. Possui graduação em Artes Visuais - Licenciatura na Universidade Federal de Pernambuco (2019) e atualmente é mestrando no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB, orientado pela professora doutora Maria Betânia e Silva. Também é pintor e desenhista e trabalha com técnicas tradicionais e digitais de pintura e ilustração.

Palavras-chave:

arte-educação;
museus;
bens culturais;

Quem ensina



Arte nos museus?

João Baía

ATENÇÃO



O tempo livre
juvenil é o
tempo legítimo
apenas para
j o v e n s
privilegiados

Autor: João Baía
Título: O tempo livre juvenil
Data: 2020
Técnica: Colagem digital

AVISO

**É EXPRESSAMENTE PROIBIDA
A DEMOCRATIZAÇÃO E
ACESSO AOS BENS
CULTURAIS PELOS GRUPOS
QUE NÃO DETÊM O PODER**

Autor: João Baía

Título: Democratização e acesso aos bens culturais

Data: 2020

Técnica: Colagem digital

ENSINO DAS ARTES VISUAIS

EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS

Laídia Evangelista¹

As imagens tiveram como base e inspiração os textos abordados na disciplina de Ensino das Artes Visuais em espaços não-formais e informais. Após a leitura de um determinado texto, utilizei como fonte principal de inspiração uma citação específica, frase, palavra ou compreensão do texto. Para o desenvolvimento das imagens, utilizei a técnica de colagem digital.

1. Laídia Evangelista é natural de Nova Russas, Ceará. É formada em Música pela Universidade Federal do Ceará e mestranda em Computação, Comunicação e Artes pela Universidade Federal da Paraíba. Atua em projetos autorais e integra grupos do gênero choro, inclusive, é idealizadora do Movimentos Desvairadas, movimento dedicado às mulheres no choro.

Palavras-chave:

espaços informais e não-formais;
colagem digital;



Autor: Laídia Evangelista
Título: Espelho Eurocêntrico
Data: 2020
Técnica: Colagem digital

Autor: Laídia Evangelista
Título: Habitual
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: Mediador
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: Adentrar
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: Gaveta
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: A aprendizagem pode ser em qualquer lugar
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: Escolhas
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: Confiança
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Laídia Evangelista
Título: A Cidade é um Núcleo Vivo
Data: 2020
Técnica: Colagem digital

LIBERTAS

FRAGMENTOS DE UM “NÃO-LUGAR”

Leandro Alves Garcia¹

O presente ensaio visual foi produzido durante o cumprimento como aluno especial do componente curricular Ensino das Artes Visuais em Espaços Não-Formais e/ou Informais no Programa de Pós-Graduação Associado da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal do Pernambuco (UFPB/UFPE).

A disciplina foi cursada em modalidade remota e este formato me inspirou inquietações trazidas ao decorrer das aulas. Entre os textos abordados, *ARTE/ EDUCAÇÃO DECOLONIAL na América Latina* (Moura, 2019), reflete o ensino aprendizagem e a formação de arte educadores que tiveram seu aprendizado fragmentado ao que diz respeito de uma cultura aproximada de nossas raízes, por uma valorização naturalizada de uma perspectiva estadunidense/ eurocêntrica que nos aprisiona. Nesta concepção, abordei o conceito de liberdade, palavra que advém do latim *libertas*, e intitula esta série de imagens que lidam com fragmentos autobiográficos.

Fragmentos estes que se repetem e formam novas imagens que dialogam com citações de Moura (2019) sobre o decolonial e o “não lugar” presentes na arte e na educação.

1. Doutorando em Artes Visuais na Universidade de Brasília (UnB), mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de Ensino de Artes Visuais. Especialista em Cinema pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), graduado em Licenciatura de Artes Visuais (UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Museu e Inclusão (GPAMI/UFPB). Artista, professor, pesquisador, atua entre outras áreas em processos autobiográficos. Atualmente dedica-se ao estudo de metodologias de investigação baseada em artes, a/r/tografia, pintura em técnicas mistas com materiais alternativos e a construção subjetiva da identidade no ensino decolonial, formal e não-formal das artes.

Palavras-chave:

autobiografia;
decolonial;
fotografia;
fragmentos;
não-lugar;

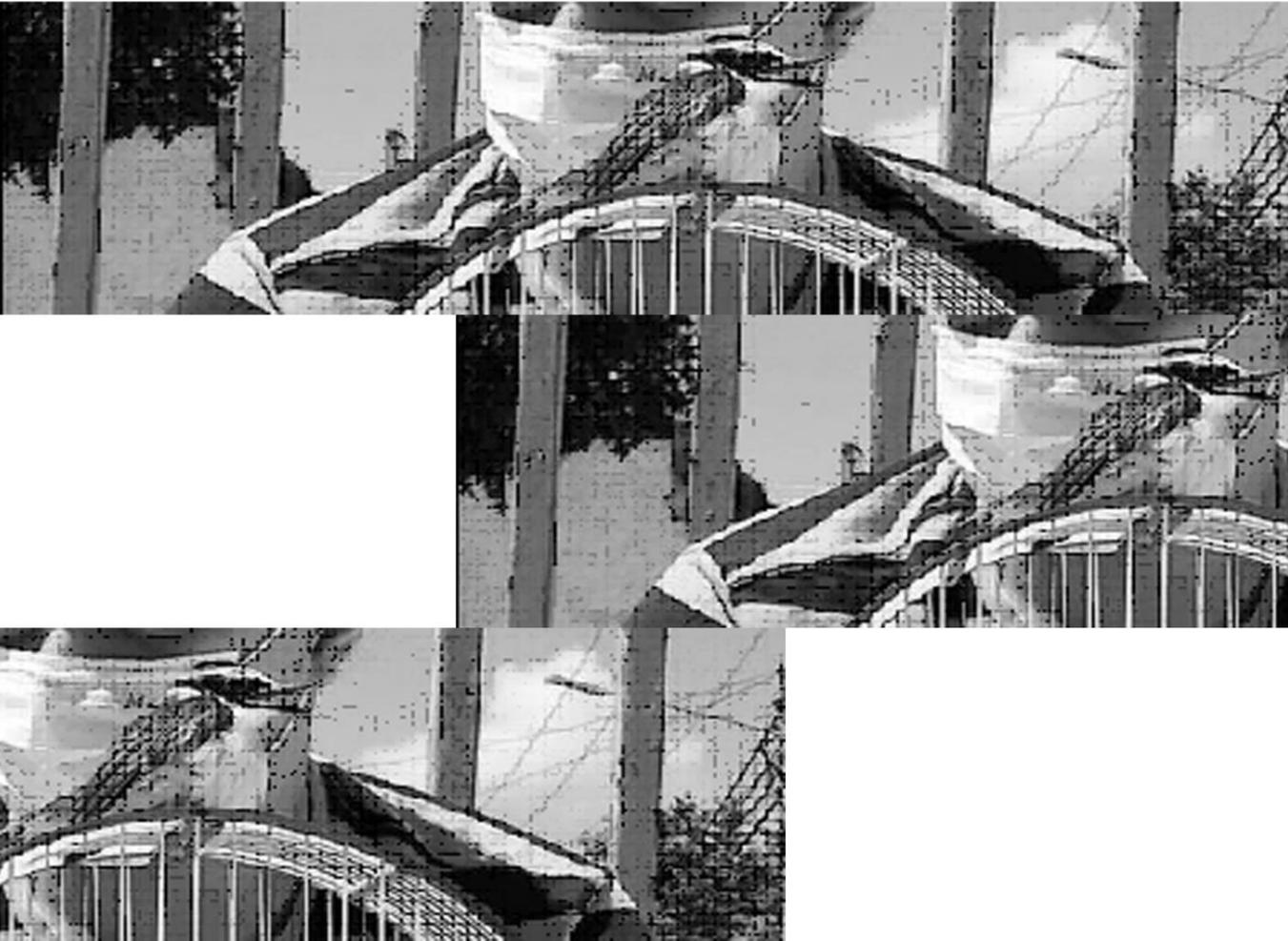
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-EÇA, Teresa Torres. *Submergir-se: incorporar espaços (in)habitáveis*. **Revista Gearte**, v.1, n.1, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/46543/31242> Acesso em 11/08/2020.

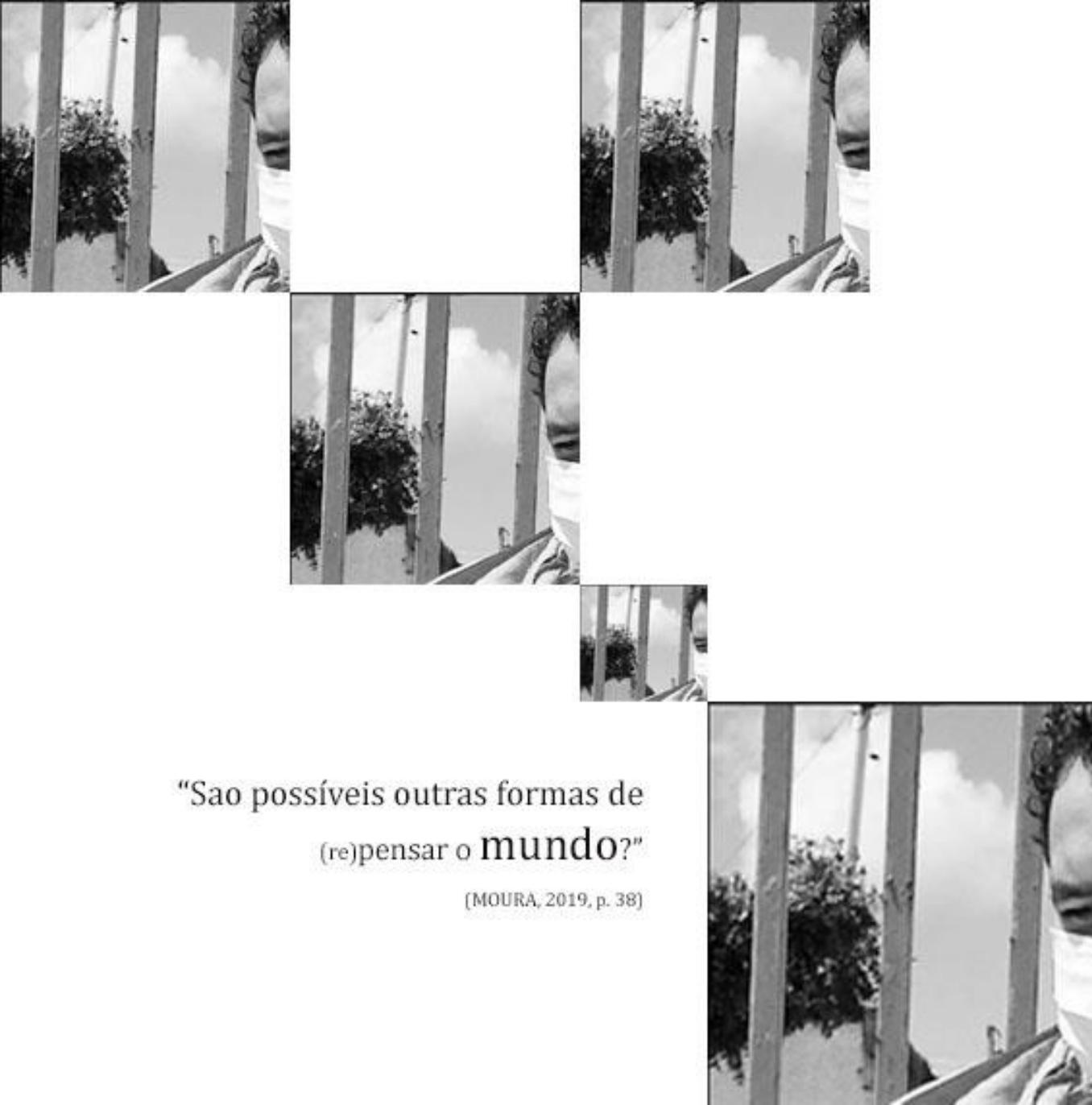
-MOURA, Eduardo Junio Santos. *Arte/Educação Decolonial na América Latina*. **Caderno de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v. 1, p. 31-44, jan./jun. 2019.

“A ideia de ‘não-lugar’ cria a ilusão de que não é preciso se identificar com nenhuma cultura específica”

(MOURA, 2019, p. 41)



Autor: Leandro Garcia
Título: Libertas I
Data: 2020
Técnica: Fotografia



“Sao possíveis outras formas de
(re)pensar o mundo?”

(MOURA, 2019, p. 38)

Autor: Leandro Garcia
Título: Libertas II
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Leandro Garcia
Título: Libertas III
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Leandro Garcia
Título: Libertas IV
Data: 2020
Técnica: Fotografia

“... caminho por territórios de
conhecimentos que a modernidade eurocêntrica
fragmentou”

[MOURA, 2019, p. 40].



Autor: Leandro Garcia
Título: Libertas V
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Leandro Garcia
Título: Libertas VI
Data: 2020
Técnica: Fotografia

ARTE-EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO CIDADÃ: A URGÊNCIA DE UMA PRÁTICA SUBVERSIVA

Leandro Ismael de Azevedo Lacerda¹

Este ensaio visual é produto da disciplina “Ensino das Artes Visuais em espaços não-formais e/ou informais”, ministrada pelos docentes Robson Xavier da Costa e Maria Betânia e Silva; disciplina esta que foi ofertada ao Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes (PPGCCA/UFPB) e pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE). E enquanto trabalho final, foi elaborado com o objetivo de sintetizar tudo o que foi debatido nos encontros do período letivo 2020.2, entre os meses de agosto e outubro.

Neste meio-tempo, foram discutidas as particularidades dos espaços informais e não-formais - principalmente museus e edificações ligadas às organizações não-governamentais (ONGs). E em meio a tantos temas abordados por autores, colegas e professores, pude identificar dois grandes eixos temáticos: **(1) a acessibilidade no ambiente construído e nos bens culturais;** e **(2) o potencial de uma arte-educação decolonial para a inclusão social.**

Ainda, também percebi a necessidade de visibilizar a experiência dos educandos, e optei por direcionar esta análise à relação do público infanto-juvenil com os espaços que ocupam - sobretudo àqueles situados além dos muros do ambiente escolar.

1. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba (2018), onde teve experiência como pesquisador nas áreas de representação gráfica, patrimônio cultural, acessibilidade e educação urbana. Paralelamente, também é artista visual, e desenvolve trabalhos de desenho, pintura, ilustração e design gráfico - com ênfase na criação de personagens e storyboard, e desenvolvimento de livros ilustrados para o público infantil. Atualmente, trabalha como artista independente, e presta serviços de diagramação, criação de identidade visual e ilustração.

Palavras-chave:

arte-educação; inclusão social;
decolonialização;
patrimônio cultural e edificado;
infância e juventude;

Com base nisso, utilizei-me da técnica da pintura digital para criar duas imagens síntese - que ilustram o cruzamento de cada um destes eixos temáticos com o processo de formação cidadã de crianças e jovens.

A primeira imagem, intitulada “**ARTEfato**”, está inserida no eixo temático da acessibilidade no ambiente construído e nos bens culturais e retrata a capacidade (ou incapacidade) dos usuários de vivenciarem estes espaços.

Neste sentido, escolhi representar a tendência de proibição ao toque (por vezes tão em voga no ambiente museológico) e a natureza contemplativa de uma obra de arte inserida nesse contexto; pois, enquanto artefato, ela está exposta para ser admirada a distância, longe das curiosas mãos dos pequeninos, em um espaço cuidadosamente vigiado, controlado e direcionado à conservação.

Diante disso, faço o convite a uma reflexão sobre a função social dos museus, e ao reconhecimento destes espaços como equipamentos de promoção social - destinados à consolidação de uma “cidadania cultural”. (CHAUÍ, 1995 apud XAVIER, 2016, p. 213).

Ademais, é importante lembrar que a proteção das obras de arte não é a única base das atividades museais; visto que, conforme destaca Julião (2006 apud Xavier, 2016), a práxis museal é muitas vezes regida por um tripé: *(I) preservar* – para garantir a sobrevivência daquilo que constitui um documento histórico; *(II) investigar* – para ampliar o potencial comunicativo do objeto; e *(III) comunicar* – para melhor transmitir o sentido aos usuários.

Ou seja, o museu existe para abrigar e disseminar o saber, por meio da democratização do acesso à cultura. Desta forma, para que isto seja efetivado, precisa-se atuar para a inclusão social, e buscar alternativas para aumentar o alcance de suas ações.

Afinal, se determinarmos que a visão será a base da experiência sensorial - e que a arte só existe para ser contemplada - *como garantiremos o acesso daqueles que necessitam do toque para vivenciar o espaço?*

Ante uma sociedade tão marcada por uma “educação do olhar” (RIZZI, 1998) – em que a visão é posta como sentido hegemônico para aquilo que se cria e se consome – *quão prejudicial é insistirmos em um modelo que exclui quem percebe o mundo de outro modo?*

Em suma, não proponho pensar aqui que a preservação dos artefatos não é importante; mas sim que **tão urgente quanto ela é a necessidade de se buscar novos rumos**, e romper com esta lógica capacitista que tanto nos rege enquanto coletividade.

Já a segunda ilustração, intitulada “**O Pertencer**”, está enquadrada no eixo temático da decolonialização, e trata do impacto de uma arte-educação com viés eurocêntrico na relação do indivíduo com o seu meio.

Nela, busco representar o sentimento de aversão ao lugar de origem, resultante da glorificação de elementos simbólicos, culturais, climáticos, arquitetônicos e urbanos estrangeiros. Já que, em meio a um discurso que equipara o conceito de patrimônio cultural aos célebres monumentos europeus, cai no esquecimento o trabalho de tantos pequenos artistas e artesãos locais, e constrói-se uma ideia de cultura ligada (ou reduzida, melhor dizendo) àquilo que é colossal e/ou exótico.

Aprende-se, pouco a pouco, a admirar os grandes castelos medievais, onde viveram reis e rainhas, príncipes e princesas; e a exaltar a beleza de estátuas em mármore Carrara ou extensos afrescos da Renascença, ao passo que tão pouco se aprende a enxergar o belo numa pequenina cidade dos trópicos, por vezes tão desprovida de tamanha escala monumental.

Em meio a isso, o orgulho dá lugar à vergonha, à ojeriza, ao medo, e ao desprendimento dos lugares de origem e moradia - supostamente desprovidos desta alta cultura que muito se ouve falar nos livros.

E como alternativa, tem-se o ideário decolonial, cuja essência não implica em

deslegitimar os conhecimentos em arte na perspectiva europeia (diferente de uma perspectiva eurocêntrica); (...) [mas sim em] legitimar os saberes em arte de matriz latino-americana. (MOURA, 2019, p. 33).

Assim, diante deste importante potencial de ruptura, proponho refletirmos sobre uma prática subversiva de arte-educação, e seu potencial para formar cidadãos conscientes para a diversidade - capazes de enxergar o urbano como um local de **apropriação, transformação e acolhimento**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 9, n. 23, 1995.

-JULIÃO, Letícia. Pesquisa histórica no museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Brasília: Ministério da Cultura, IPHAN, Departamento de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte, 2006.

-MOURA, Eduardo Junior Santos. Arte-educação decolonial na América Latina. **Caderno de Estudos Culturais**. Campo Grande, v. 1, p. 31-44, jan./jun., 2019.

-RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Além do artefato: apreciação em museus e exposições. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, v. 8, p. 215-220, 1998.

-XAVIER, Janaína Silva. Os museus e a preservação da arte contemporânea: particularidades e processos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação: Universidade de Brasília-DF**. Brasília, v. 5, n. 9, p.213-223, jan./jun., 2016.



Autor: Leandro Ismael
Título: ARTEfato
Data: 2020
Técnica: Pintura digital



Autor: Leandro Ismael
Título: O Pertencer
Data: 2020
Técnica: Pintura digital

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL: NOVOS CAMINHOS



Naliana Mendes¹

Este ensaio visual partiu da proposta de se pensar o ensino das artes visuais em espaços não-formais e/ou informais, através de criações que possibilitem uma reflexão por meio de produções que tragam uma relação com a temática supracitada.

A arte caminha junto com o ensino não-formal, muitas das intervenções trazem o teatro, a música, a pintura como proposta de atividade a ser desenvolvida em projetos sociais que acontecem nas comunidades. Neste sentido, esse ensaio visual busca privilegiar essa relação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-GOHN. Maria da Glória. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. *In: Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

-TORJAL. Amanda Pinto da Fonseca. **Acessibilidade e Inclusão de Públicos Especiais em Museus**. Disponível em: <http://arteinclusao.com.br/wp-content/uploads/2019/01/caderno-de-acessibilidade-expomus.pdf>. Acesso em: 15 de dezembro 2020.

-O'NEILL, M. C. Como foram recebidas quatro exposições nas galerias nacionais do Grand Palais. *In: TEIXEIRA COELHO (Org.). O lugar do público: sobre o uso de estudos e pesquisas pelos museus*. São Paulo: Iluminuras, 2014, p. 253-268.

-CARVALHO. Livia Marques. **Reflexões Sobre o Ensino da Arte no Âmbito de ONGs**. Palestra a ser apresentada na mesa temática: Ensino de Arte em Contextos de Comunidade.

¹. Graduada em Ed. Artística (UFPI), Especialista em Ed. Especial e História, Cultura e Sociedade (UESPI). Professora DE do Instituto Federal do Piauí (IFPI).

Palavras-chave:

arte-educação;
educação não-formal;
inclusão social;

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael. MULLER. Fernanda. A Cidade como Espaço da Infância, **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

FILHO. Airton Jordani Jardim. **Artes Visuais em um espaço não formal de educação: uma mostra e uma experiência de mediação como interface público/arte**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/gearte/article/view/66720> . Acesso em: 15 de dezembro de 2020.



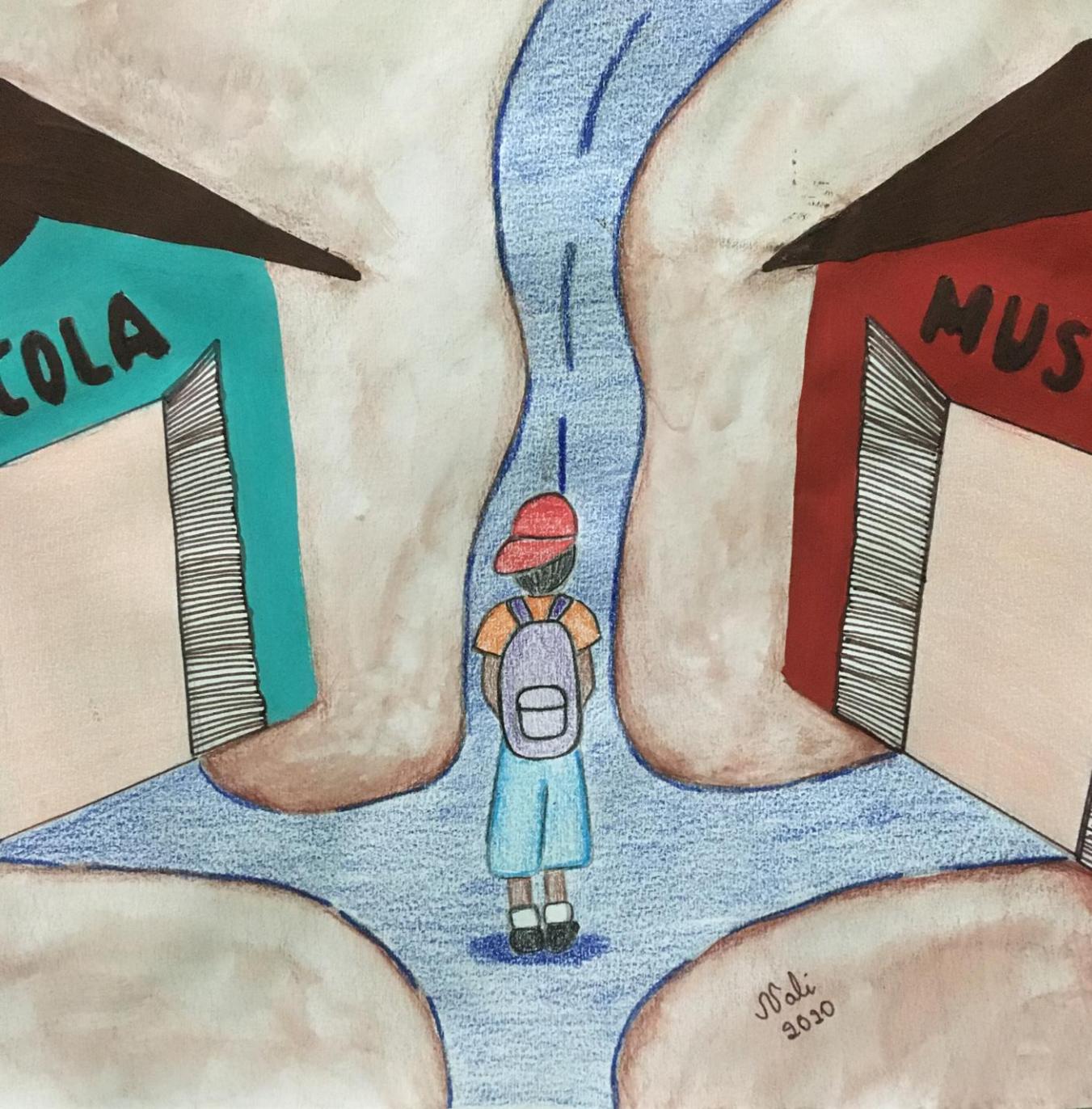
“Precisa-se da memória e da musealização juntas para construir uma proteção contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa profunda ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço”. (HUYSEN, 2000, p. 28)

Autor: Naliana Mendes
Título: Memória
Data: 2020
Técnica: Mista



“A visita a uma exposição não é ocasião para um aprendizado formal ou acadêmico, mas diz respeito mais a uma experiência de descoberta que deixa traços pessoais profundos no nível da vivência e da compreensão global do mundo”. (O’NEILL, 2014, p. 266).

Autor: Naliana Mendes
 Título: Visita ao museu (mediação)
 Data: 2020
 Técnica: Mista



“[...] a educação não-formal [...] é um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivo” (GOHN, 2009, p. 32).

Autor: Naliana Mendes
Título: Escola e museu: caminhos do conhecimento
Data: 2020
Técnica: Mista



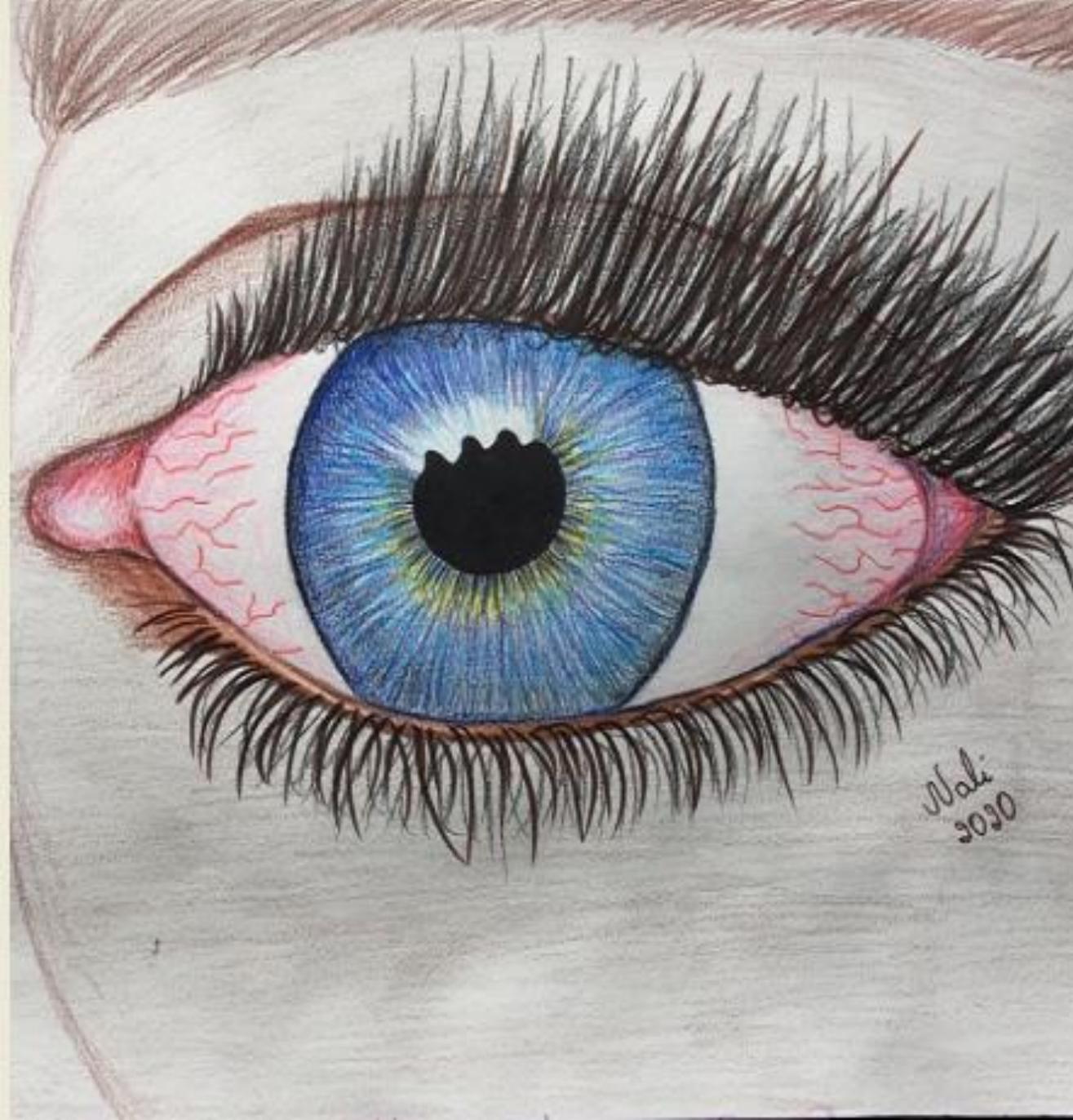
“O movimento de arte para a reconstrução social vem demonstrando a necessidade da arte para todos os seres humanos, por mais inumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém” (CARVALHO, 2008, p. ?).

Autor: Naliana Mendes
Título: Arte como transformação
Data: 2020
Técnica: Lápis de cor



“A cidade é um espaço não formal de educação que proporciona diferentes aprendizagens [...]” (FARIAS; MÜLLER, 2007, p. 262).

Autor: Naliana Mendes
Título: Cidade
Data: 2020
Técnica: Mista



“[...] sensibilidade para entender e captar a cultura local, do outro, do diferente, do nativo daquela região, é algo primordial” (GOHN, 2009, p. 33).

Autor: Naliana Mendes
Título: Olhar
Data: 2020
Técnica: Lápis de cor



“[...] nos projetos sociais, elas atuam silenciosamente, não aparece sua presença como mulher, mas sim como um ente colaborador de um processo [...]” (GOHN, 2009, p. 39).

Autor: Naliana Mendes
Título: Mulher Visível
Data: 2020
Técnica: Mista



“Acessibilidade é aqui entendida num sentido lato”. (TOJAL, ano ?, p. 2)

Autor: Naliana Mendes
Título: Toque
Data: 2020
Técnica: Colagem



“Os projetos que têm como proposta intervir na cena urbana, através de uma apresentação ou elaboração de um cenário de arte, como um grafite, contribuem para a apropriação e ressignificação do espaço público” (GOHN, 2009, p. 38).

Autor: Naliana Mendes
Título: Comunidade
Data: 2020
Técnica: Acrílica



Nali 2020

“[...] nem tudo são flores e os espinhos são muitos [...]”
(GOHN, 2009, p. 40).

Autor: Naliana Mendes
Título: Desafios no caminho
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Nali 2020

“[...] as ONGs atuam junto àqueles grupos nos quais as ações do Estado não têm conseguido atingir [...]” (CARVALHO, ano ?, p. 02).

Autor: Naliana Mendes
Título: Transformação
Data: 2020
Técnica: Mista

PARTICULARIDADES E POTENCIALIDADES

DO/NO ENSINO DE ARTE EM ESPAÇOS NÃO-FORMAIS E ALÉM MUROS

Niara Mackert Pascoal¹

Os três espaços/modalidades de educação, formal, não-formal e informal, têm características distintas. Enquanto o informal indica aquele que ocorre no seio familiar, com amigos, comunidade, nas ruas, em casa, no condomínio e com os objetivos de promover a socialização, a criação de hábitos e modos de agir segundo valores e crenças; o formal e o informal, já ocorrem em escolas e em locais além das escolas (instituições filantrópicas ou não-governamentais, espaços outros de educação) respectivamente, aquele com os objetivos de aprender sobre conteúdos definidos historicamente e este com objetivos que não se constroem antes do processo, mas durante, os quais podemos citar a capacitação para a cidadania, a abertura de horizontes e visões de mundo, empoderamento etc. O ensino de artes em espaços não-formais possui, logo, características particulares e que pedem diferentes modos de ação, visão, planejamento e postura do/a educador/a.

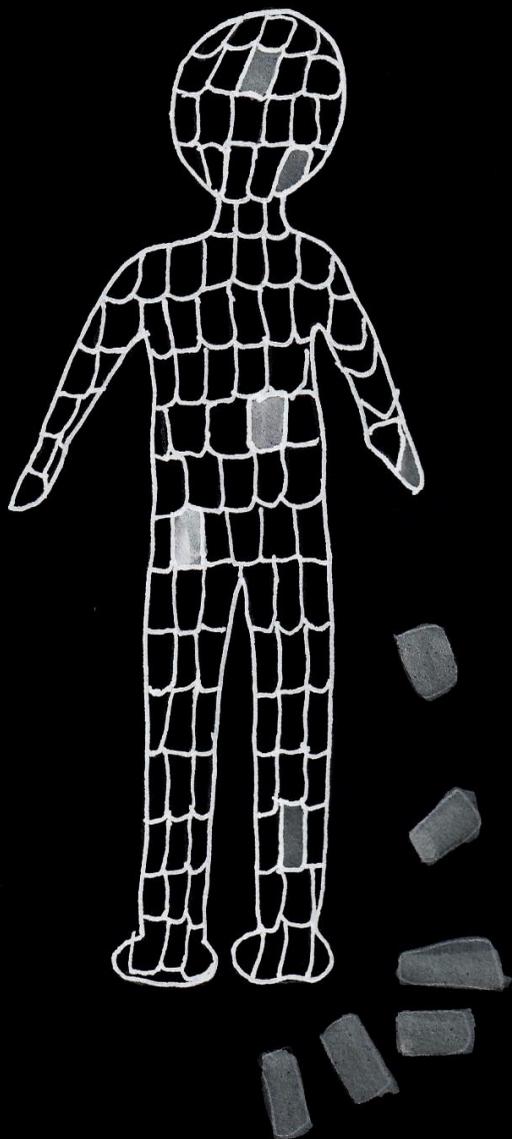
Durante o componente curricular Ensino das Artes Visuais em Espaços Não-Formais e/ou Informais, parte do mestrado associado em Artes Visuais UFPE/UFPB, percorremos um caminho teórico e de exploração de memórias para constituir o que seriam as ideias principais acerca da arte/educação nesse espaço. Nesse processo foram muito importantes as experiências. Caminhamos desde as definições de cada modalidade de ensino, características principais e princípios históricos até questões mais específicas do espaço museal, principalmente no que diz respeito à acessibilidade e equidade de acesso nesses ambientes. Pudemos, então, aumentar nossa bagagem em relação a esse assunto, enquanto entrávamos em contato com memórias e experiências de pesquisadores e profissionais que atuam no espaço não-formal. Esse ensaio visual percorre, assim como no componente curricular mencionado, meus caminhos de construção e apreensão sobre esses processos e minhas percepções sobre o que é o espaço não-formal e quais as suas potencialidades e particularidades, tendo em vista não só o espaço museal, mas também outros espaços de ensino não-formal. As imagens foram produzidas com base em frases retiradas de minhas anotações durante as aulas, que se tornaram títulos e trazem de maneira imagética o que seria uma síntese de cada aula. Estão organizadas de maneira cronológica e indicam os caminhos que foram percorridos.

¹Mestranda em Artes Visuais do PPGAV da UFPE/UFPB. Licenciada em Artes Visuais pela UFPE. Como artista, foca sua produção em fotomontagem, fotografia e aquarela. Tem como objeto de pesquisa e produção acadêmica: arte e inclusão de pessoas com deficiência e arte/educação infantil. Atualmente é educadora social na área de artes visuais no Movimento Pró Criança, ministrando o curso de Artes Visuais.

Palavras-chave:

arte-educação;
espaços não-formais;

Autor: Niara Mackert
Título: Conexões e definições sobre
Ensino Não-Formal, Formal e Informal
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert

Título: Nós precisamos nos desprender de algumas coisas

Data: 2020

Técnica: Aquarela e montagem digital

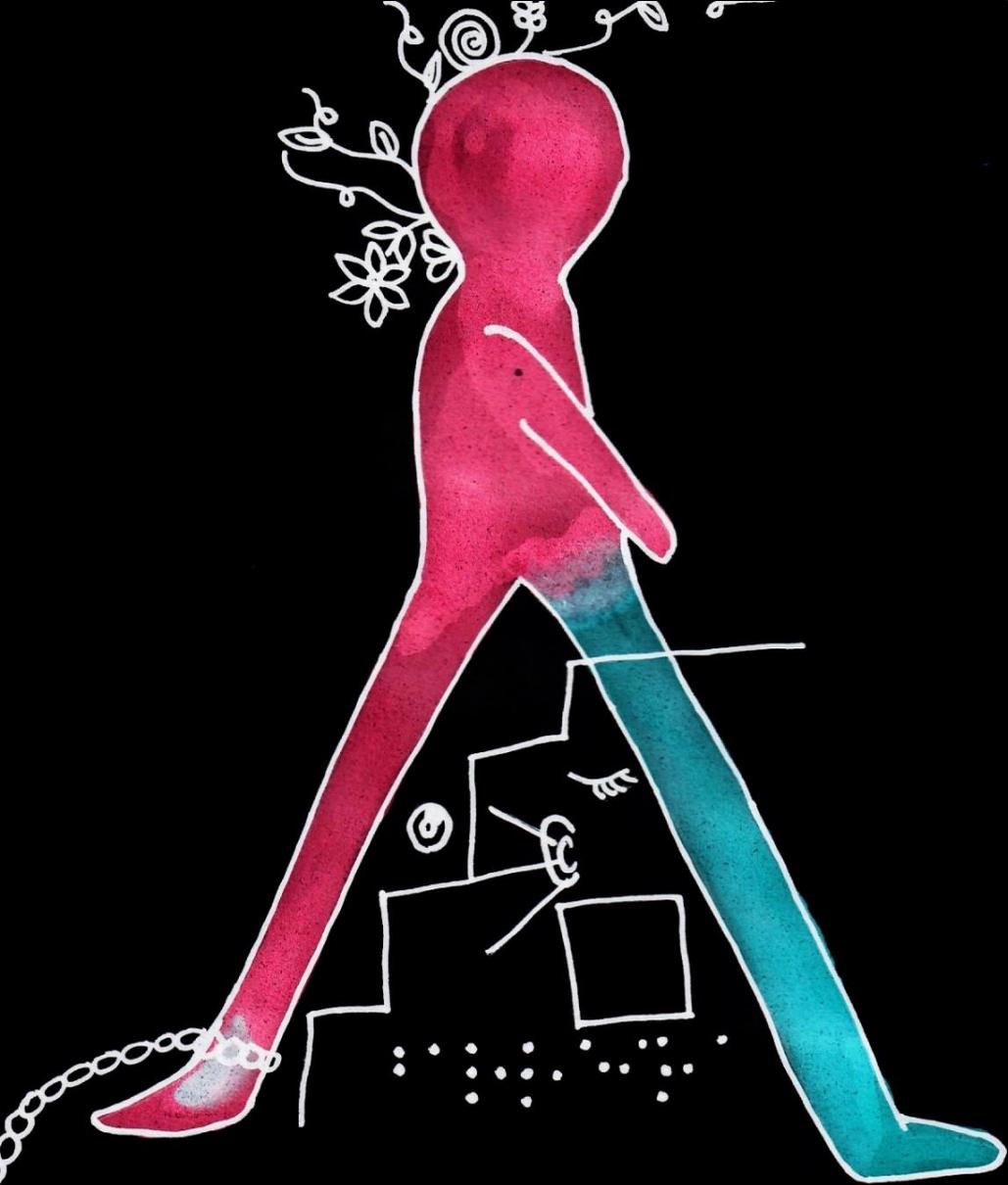


Autor: Niara Mackert

Título: Processo de formação do/a arte/educador/a de museus

Data: 2020

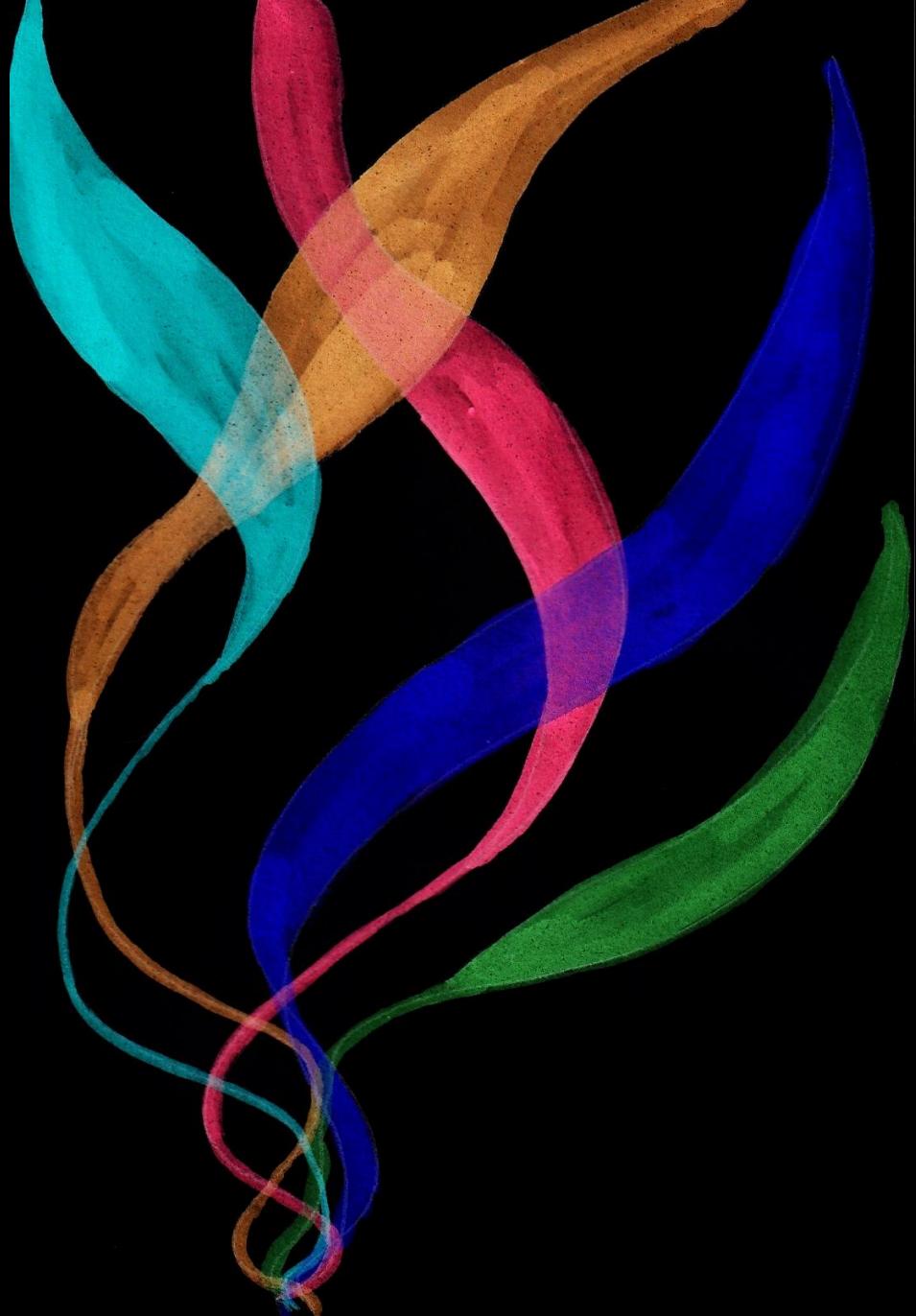
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert
Título: O primeiro passo
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert
Título: Como trabalhamos para melhorar
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert
Título: Museu: memórias que se entrelaçam
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



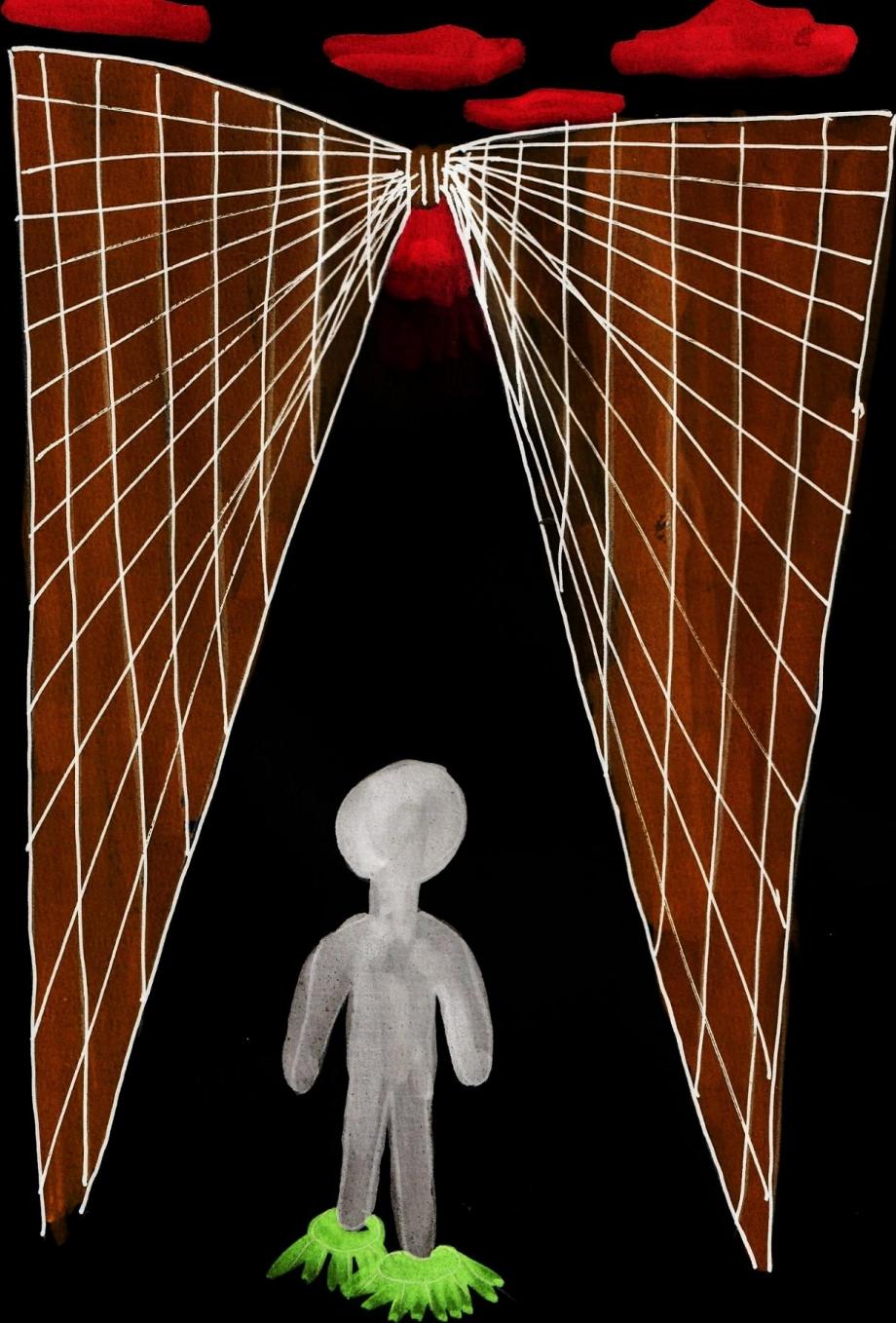
Autor: Niara Mackert
Título: “Precisamos afundar-nos” – Teresa Eça
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert
Título: É preciso fechar os olhos invés de abri-los
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert
Título: A importância de ouvir
Data: 2020
Técnica: Aquarela e montagem digital



Autor: Niara Mackert

Título: Corredor de muros: o que é formativo além da escola?

Data: 2020

Técnica: Aquarela e montagem digital

CONEXÃO CONTÍNUA

O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Raquel Nascimento de Brito Vasconcelos da Silva¹

Porque a vida não é uma marcha ou um fluxo uniforme e ininterrupto. É feita de histórias, cada qual com seu enredo, seu início e movimento para seu fim, cada qual com seu movimento rítmico particular, cada qual com sua qualidade não repetida, que a perpassa por inteiro. (DEWEY, 2010, p.110)

A experiência para ser completa, precisa estar integrada ao processo de viver. Em Conexão Continua, busquei encontrar a ligação entre minhas experiências pessoais com o aprendizado vivenciado enquanto cursei a disciplina de Ensino das Artes Visuais em Espaços Não-formais e/ou Informais, ministrada pelos Professores Robson Xavier e Maria Betânia.

Ao decorrer da disciplina retomamos os conceitos de Educação formal, não-formal e Informal. E percebemos a importância do quanto a educação em espaços não-formais e informais prepara o ser humano na vida em sociedade.

Foi proposto a nós, alunos, a produção de imagens que se relacionassem com o conteúdo das aulas para um ensaio visual, com a finalidade realizar um e-book para a turma, estas produções deveriam ter temáticas que englobassem o universo do ensino da Arte e seus objetivos, como a construção da cidadania, o desenvolvimento de habilidades e competências.

Durante a disciplina, me permiti fazer conexões com minhas memórias e mergulhar em cada conhecimento e vivência acrescentada por meio dos professores, dos textos que dialogavam com o conteúdo, dos colegas e dos profissionais convidados para contribuir com o aprendizado. Decidi fazer uma

¹Especialista em Metodologia do Ensino de Artes – Centro Universitário Internacional Uninter/PR; Licenciada em Educação Artística/Artes Plásticas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN; Artista visual; Professora de Arte no ensino fundamental, médio e EJA em escolas estaduais do RN e PB.

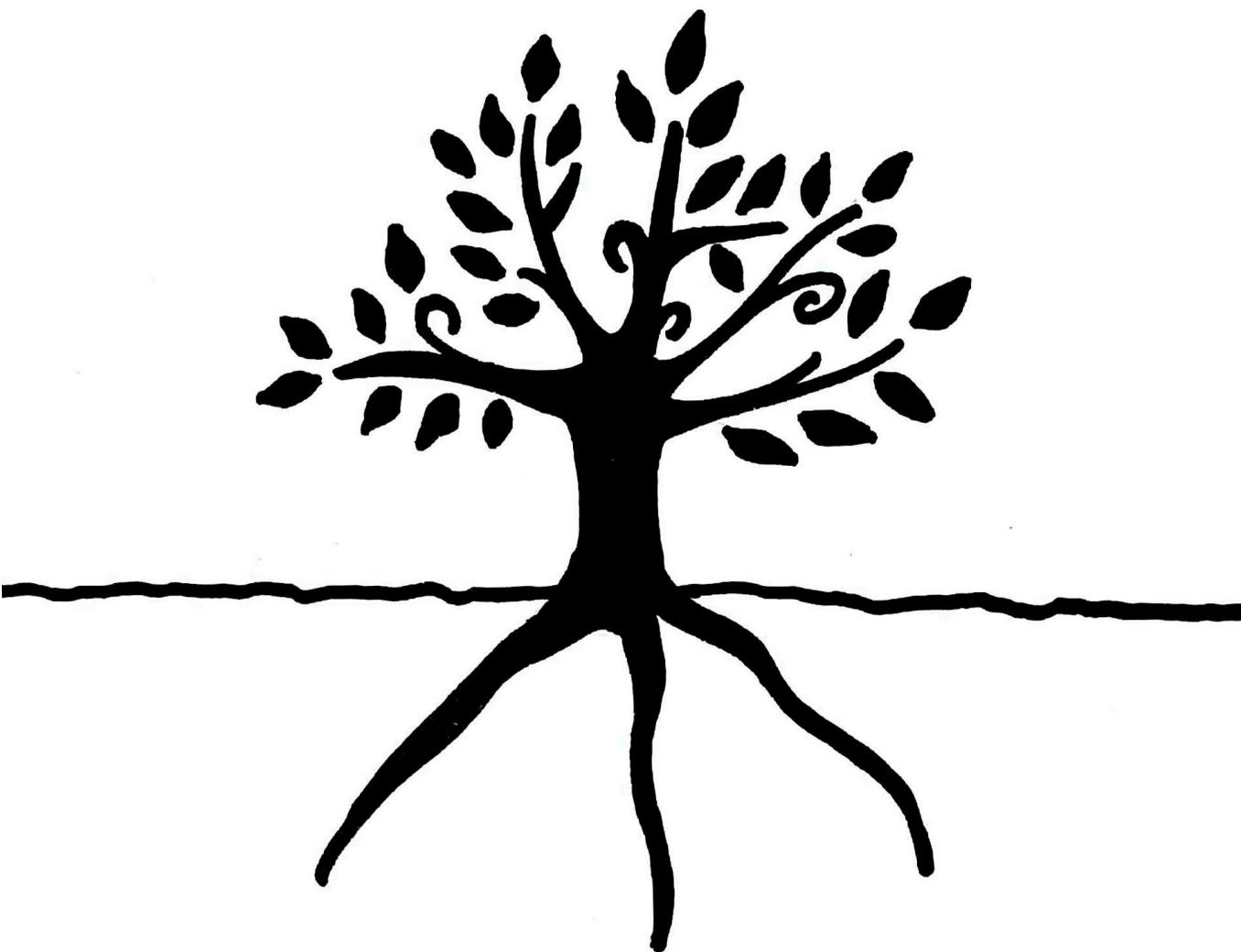
Palavras-chave:

arte-educação;
espaços não-formais;
educação e cidadania;

ilustração utilizando papel e caneta hidrocor para cada aula, analisando o tema principal de modo a decodificar através do desenho a experiência vivenciada. Os desenhos se conectam com a importância do Ensino da Arte e minhas experiências, e estão ordenados de forma cronológica à medida que o conteúdo foi apresentado, sendo assim, eles envolvem a importância do Ensino da Arte, o planejamento do professor e mediador em espaços como ONGs e/ou museus e suas articulações para que esta vivência e aprendizado seja de acesso a todos, de maneira que se conecte com as memórias permitindo uma experiência contínua de modo que a arte seja um instrumento de transformação por meio da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

-DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. **Arte como experiência**. p. 109-141. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

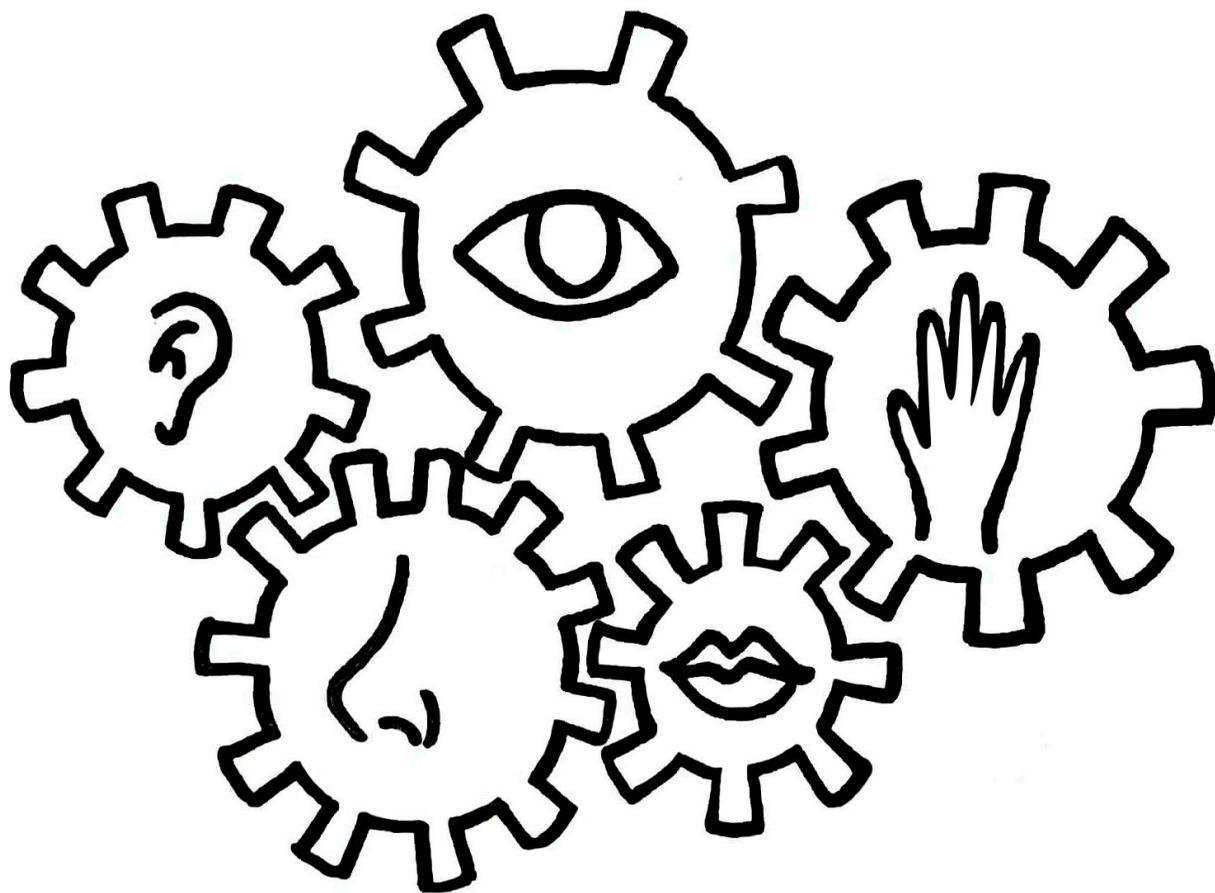


Autor: Raquel Nascimento
Título: Raízes
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel

Raquel Nascimento 2020

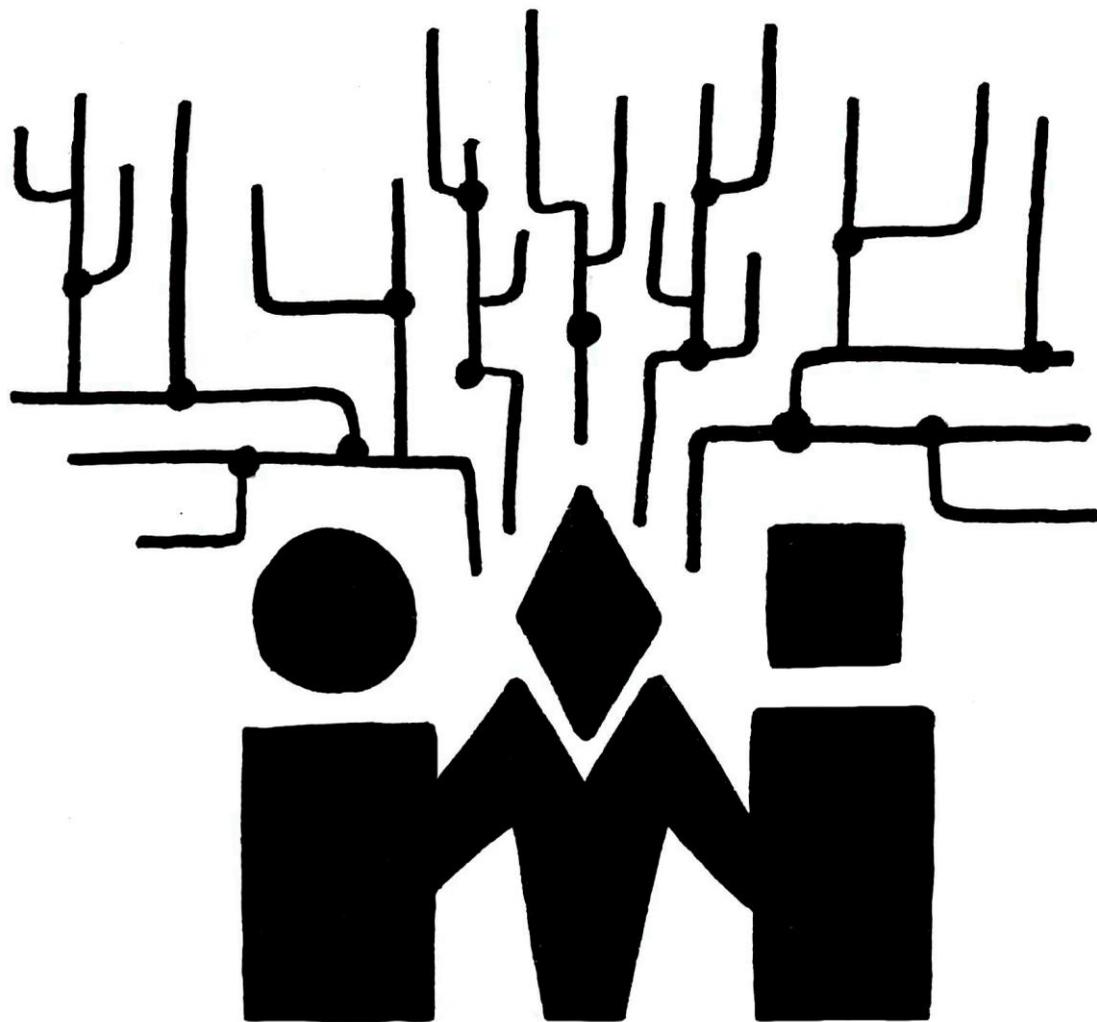


Autor: Raquel Nascimento
Título: Idealização
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel



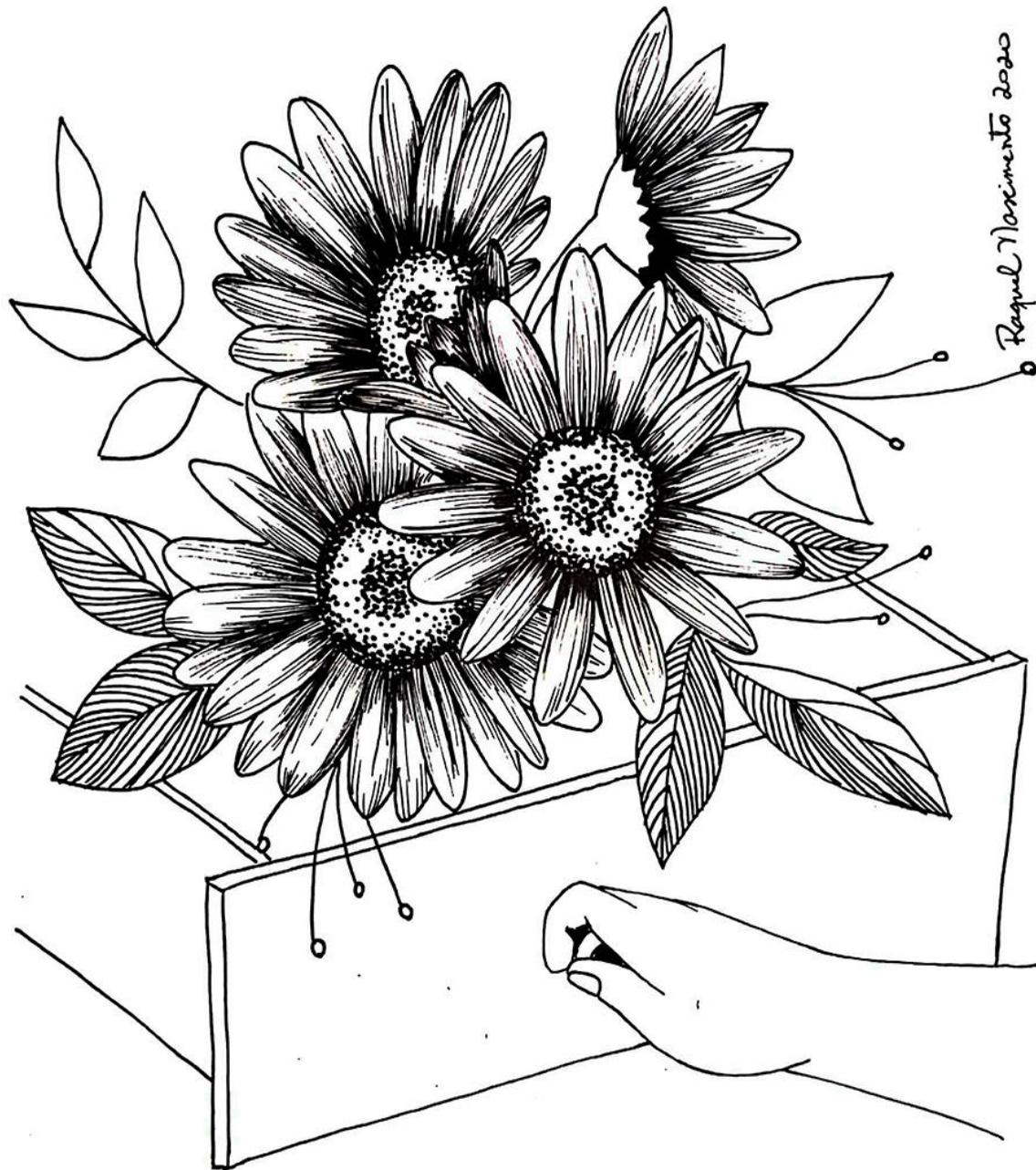
Autor: Raquel Nascimento
Título: Engrenagens
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel

Raquel Nascimento 2020

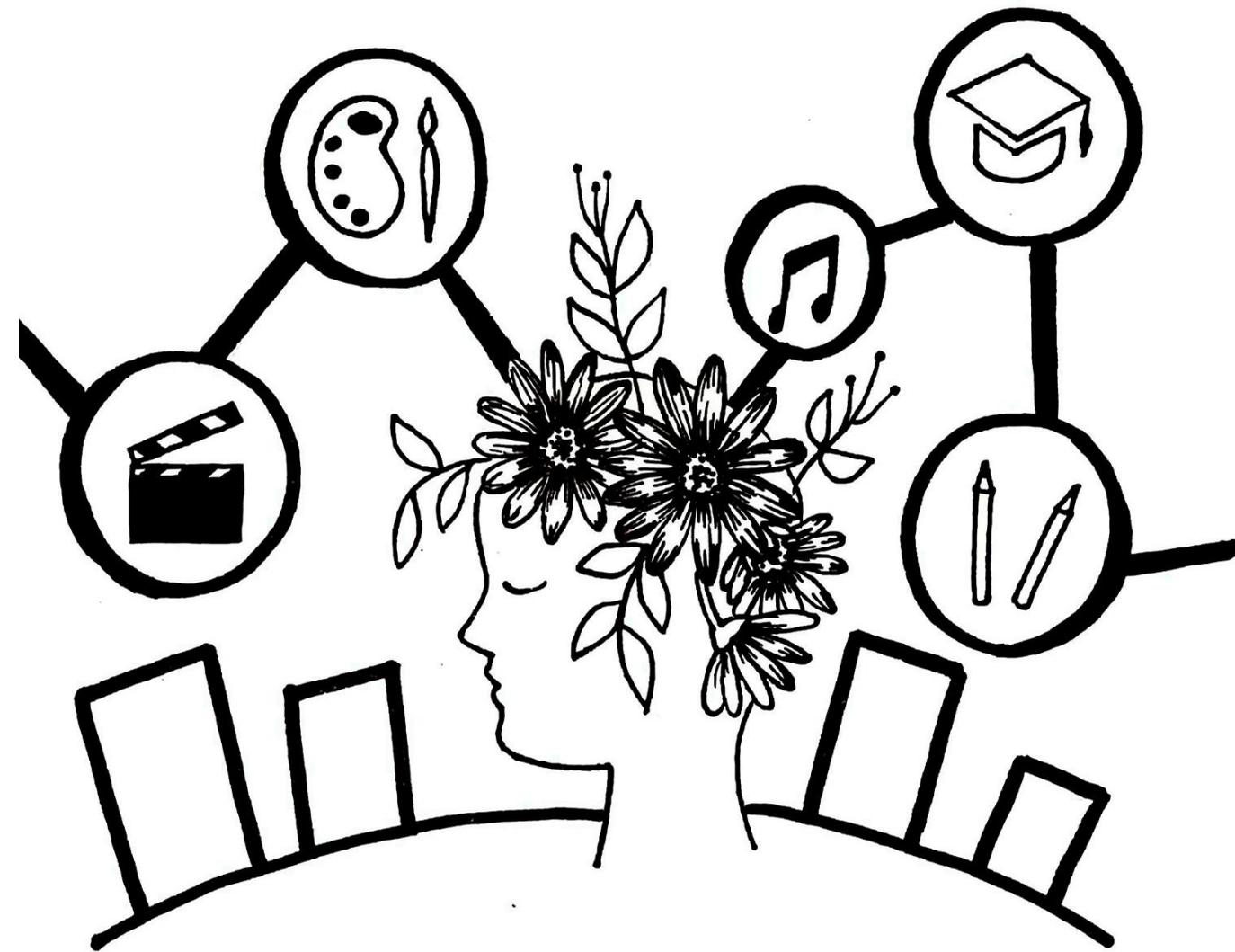


Autor: Raquel Nascimento
Título: Mediação do conhecimento
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel

Raquel Nascimento 2020



Autor: Raquel Nascimento
Título: Gaveta da memória
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel



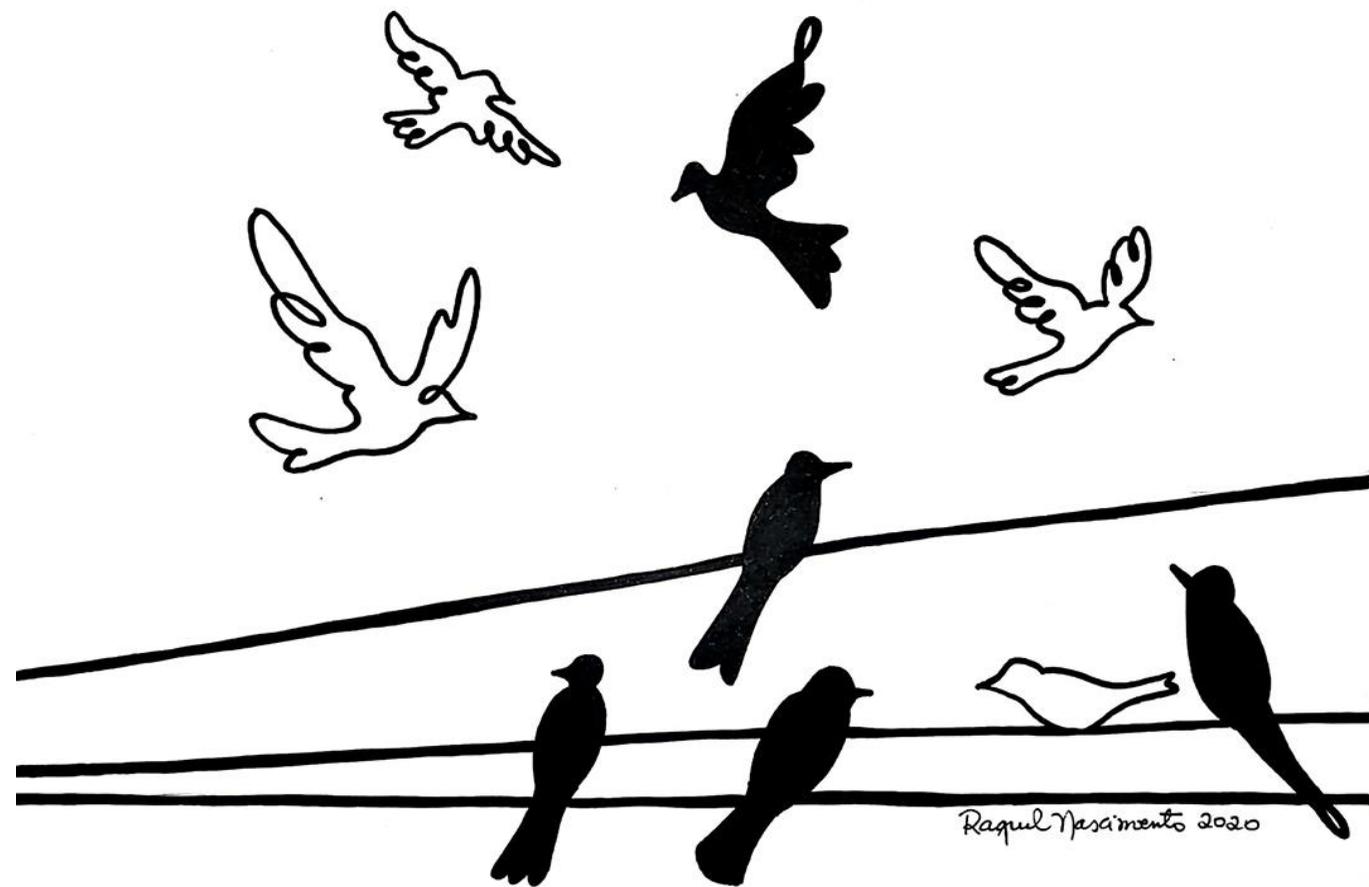
Autor: Raquel Nascimento
Título: Perceber a arte
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel

Raquel Nascimento 2020



Autor: Raquel Nascimento
Título: Protagonista de si
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel

Raquel Nascimento 2020



Autor: Raquel Nascimento
Título: Articulação
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel



Autor: Raquel Nascimento
Título: Arte que transforma
Data: 2020
Técnica: Caneta hidrocor sobre papel

Raquel Nascimento 2020

ARTE E EDUCAÇÃO:

A INTERCONEXÃO QUE TRANSFORMA

Vanessa Vera do Nascimento¹

A aprendizagem é um processo interativo em que os sujeitos constroem seus conhecimentos através das suas interações com o meio, numa inter-relação constante entre fatores internos e externos.” (Libâneo, 2010, p.77).

No que respeita ao grau de formalização, em nossa sociedade segundo Gohn (2010) existem três modelos de educação: informal, formal e a não formal. Na educação informal segundo a autora (2010) o aprendizado acontece de forma espontânea, não sistematizada e não organizada e os saberes adquiridos são absorvidos no processo de vivência e socialização pelos laços culturais e de origem dos indivíduos. É uma troca de saberes adquiridos entre gerações e seus agentes educadores são os pais, familiares, amigos, vizinhos... que repassam suas práticas e experiências anteriores de forma contínua e permanente.

Na educação formal, de acordo com Libâneo (2010) o aprendizado ocorre dentro de um ambiente institucional devidamente registrado, autorizado e credenciado por órgãos competentes. Ela segue organogramas e diretrizes pré-estabelecidos para nortear suas ações. A educação formal é segundo o autor aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal.

Já a educação não formal ainda segundo Libâneo (2010) é aquela que acontece fora do âmbito escolar (ongs, museus, centros comunitários, culturais e esportivos, projetos sociais, etc.). Ela é desenvolvida de forma socioeducativa, levando em conta problemáticas e assuntos inseridos no contexto

¹Mestranda em Computação Comunicação e Artes – PPGCCA – UFPB, Especialista em Comunicação Organizacional e Estratégica – UNINASSAU, Bacharel em Comunicação Social – Educomunicação – UFCG. Atua como Educomunicadora voluntária em diversos projetos e grupos de pesquisa.

Palavras-chave:

arte-educação;
espaços informais e não-formais;
ilustração digital;
colagem digital;

social e familiar.

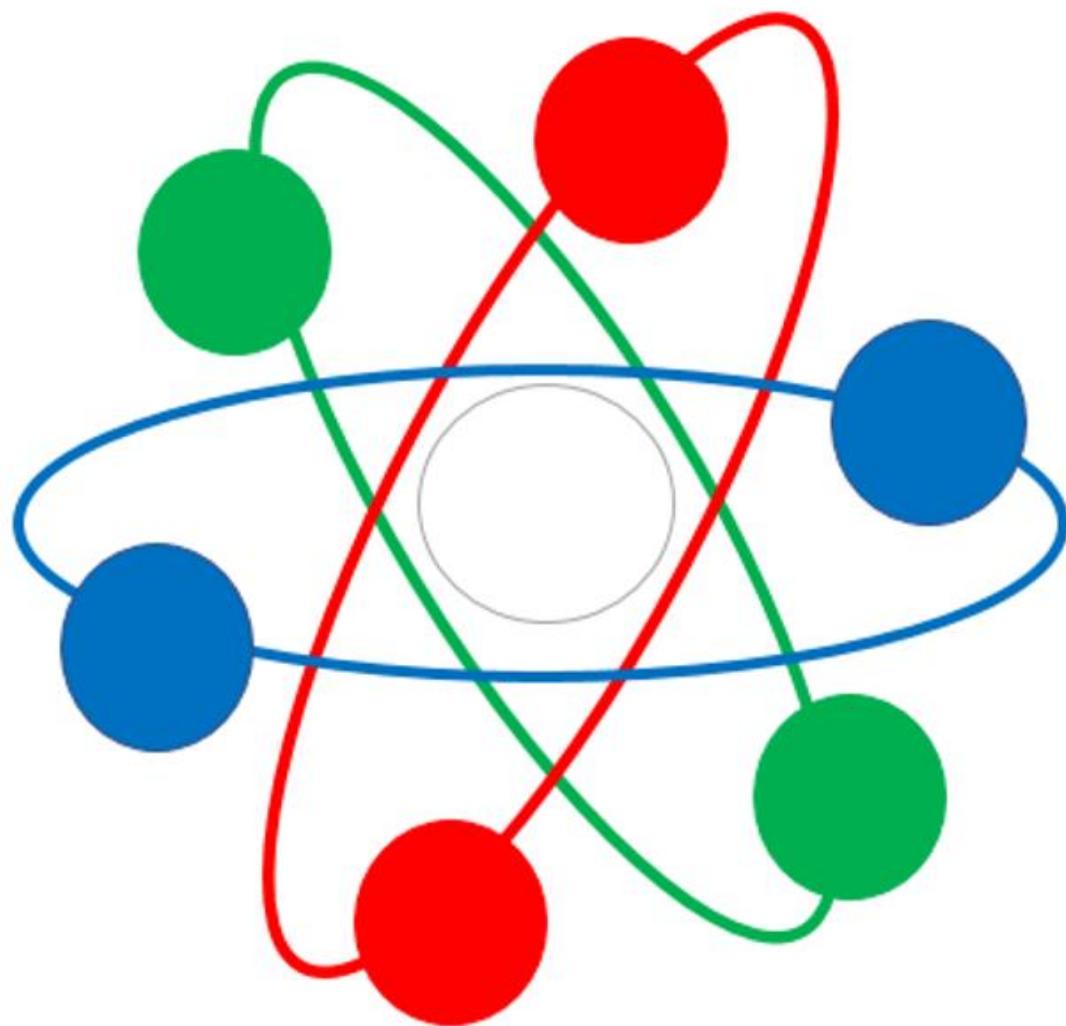
Embora ela possa se articular com os outros dois modelos de educação, a educação não formal possui um campo próprio. Seu objetivo é a interação e a troca de saberes entre os indivíduos, assim como a educação informal, nela, existe o papel do mediador que faz a mediação das atividades com planejamento e cronograma, ela é feita com menos grau de sistematização burocrática e sem a evolução para séries mais avançadas.

A educação não formal segundo Gohn (2015) tem por finalidade abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.

Na disciplina intitulada: Ensino das Artes Visuais em Espaços Não-formais oferecida pelo Mestrado Associado em Artes Visuais UFPB/UFPE propôs reflexões sobre diversas metodologias e práticas sobre o ensino da arte em seus diversos espaços. No decorrer da disciplina foi utilizada uma metodologia que se assemelha ao método espiral, a qual foi criada pela arte-educadora Cláudia Colagrande (2010). Segundo a referida autora o método espiral tem um fluxo de movimento contínuo de dentro para fora ou de fora para dentro dependendo do que podemos enxergar em cada momento. Dividido em duas áreas de conhecimento: a arte que é o encontro de uma linguagem pessoal com a manifestação do potencial oculto; e a educação que é feita num processo de cinco passos (Sensibilização, Motivação, Fazer Artístico, Contemplação e Análise da Obra). A proposta da disciplina, no entanto resultou numa produção de artes visuais motivadas pela reflexão de textos e experiências vividas por cada aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLAGRANDE, Claudia. **Arteterapia na prática: diálogos com a arte-educação**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social — atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal no Campo das Artes**. São Paulo: Cortez, 2015.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Átomo da educação
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Arte: a chave que liberta
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



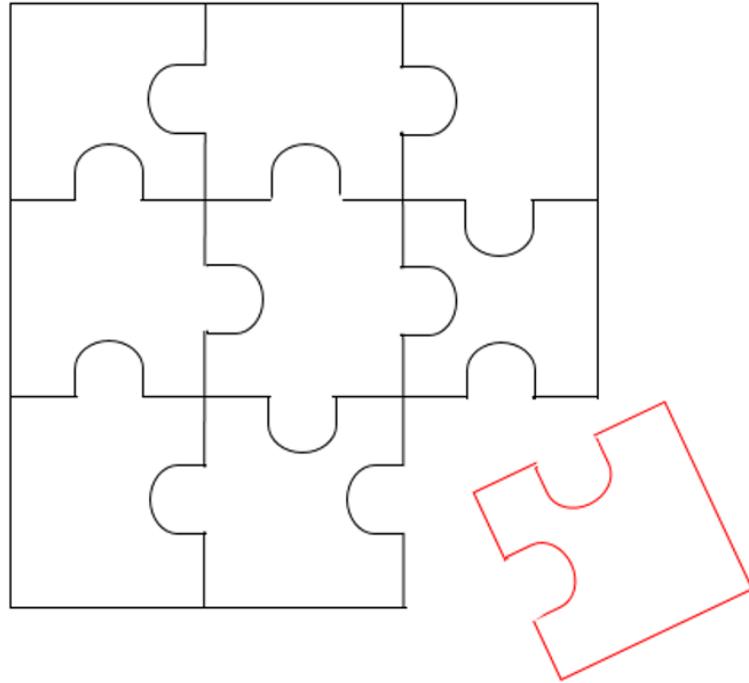
Autor: Vanessa Nascimento
Título: Quebrando barreiras para edificar pontes
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Conectando o mundo
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Mediação ligando pessoas e
lugares
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Vanessa Nascimento
Título: A peça que não se encaixa
Data: 2020
Técnica: Ilustração digital



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Desabrochar
Data: 2020
Técnica: Ilustração sobre fotografia



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Janela para um novo horizonte
Data: 2020
Técnica: Fotografia



Autor: Vanessa Nascimento
Título: Registrando memórias
Data: 2020
Técnica: Fotografia

ARTES VISUAIS EM ESPAÇOS INFORMAIS E NÃO-FORMAIS

Vânia Mefano

Interessada em expandir meus conhecimentos em Arte Educação, ingressei na disciplina Ensino das Artes Visuais Em Espaços Não-Formais e/ou Informais ministrada pelos professores Betânia e Robson. Já colaborava em uma pós-graduação em Acessibilidade Cultural, mas hoje observo algumas lacunas importantes quanto ao meu conhecimento da implicação desta temática para a Educação.

A partir da disciplina Ensino das Artes Visuais Em Espaços Não-Formais e/ou Informais pude expandir os meus conhecimentos sobre Educação dada a reflexão que traz sobre a articulação entre a Educação Formal e Não Formal e as relações existentes entre ambas. “A reflexão sobre a educação não formal é também, por definição, uma reflexão sobre a educação formal. Todas as medidas e políticas concernentes à educação não-formal afetarão no longo prazo a educação formal” (em SPOSITO,2008 de RAYMOND, 2003)

No meu trabalho, fruto da explanação da professora Livia Marques sobre O ensino de artes visuais em ONGs, pergunto “Onde está o Estado?”. Admito que inicialmente essa pergunta trazia um julgamento errôneo, que partia da ideia de que se tivéssemos no Brasil um Estado forte, este estaria cumprindo as ações realizadas nas ONGs. Hoje vejo totalmente diferente. Acredito que Educação Forma e Informal se completam e se complementam. E dessa aproximação, parte a discussão sobre a importância das ações intersetoriais para o processo formativo de sujeitos. Ações essas que destaquem os vínculos com o território e a cultura. Por isso a importância de Redes Intersetoriais. Essa discussão me remete a mesma temática quando trazida na Saúde, isto porque também na saúde as ações não garantem mudanças

¹Sou Brasileira, carioca, nascida em Copacabana. Me formei em Terapia Ocupacional onde trabalhei tanto na assistência (clínica) quanto na gestão de serviços de reabilitação. Atualmente sou professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro do curso de Terapia Ocupacional. Gosto de seres humanos e de viver em comunidade. Apesar de pouco à vontade, me instiga criar. Em especial junto/com/na natureza.

Palavras-chave:

arte-educação;
organizações não-governamentais;
museus;

na vida dos sujeitos. Um país com um cenário social complexo como é o Brasil, a intersectorialidade mostra mais ainda a sua importância pois possui realidades atravessadas por problemas econômicos, educacionais, culturais, entre outros e não existe a possibilidade de apenas um setor dar conta.

O trabalho dos Educativos de Museus passou a ser mais bem compreendido para mim em especial a relação da curadoria e as forças gestoras das instituições museais, que em alguns casos estão voltadas aos interesses empresariais. Os textos e apresentações que trataram sobre as exposições que exploram a multisensorialidade e sobre a preocupação do trabalho do Educativo com a acessibilidade cultural, foram ricos. No meu trabalho, fruto da aula onde ocorreu a visita guiada do MAM de SP à exposição de Antônio Dias, me sensibilizo com a arte que transborda dos limites da tela e que traz uma crítica aos governos reacionários e fascistas que já estiveram em nosso país e que hoje retornam. Essa provocação é importante na discussão da formação de jovens de comunidades. Faço uma intervenção na obra de Ligia Mefano, uma escultura realizada a partir de caixas de remédios psicotrópicos, com desenho de figuras humanas com feições horrorizadas e horrorosas. Essa imagem dialoga com a figura de um verme.

Complementando a reflexão sobre educação formal, e a importância da formação nos espaços da cidade, surge o meu terceiro trabalho onde trago lembranças de minha infância em Copacabana, numa ladeira que nasci e me criei repleta de brincadeiras e espaços de troca. A cidade é um espaço não formal de educação que proporciona diferentes aprendizagens quando os habitantes se relacionam com a sua estrutura. Trata-se de uma criação humana composta pelo plural de praças, ruas, avenidas e, também, por características singulares, como esquinas, becos e cantos. Portanto, a cidade é um núcleo vivo (em FARIAS e MÜLLER, 2017 de FREITAG, 2002).

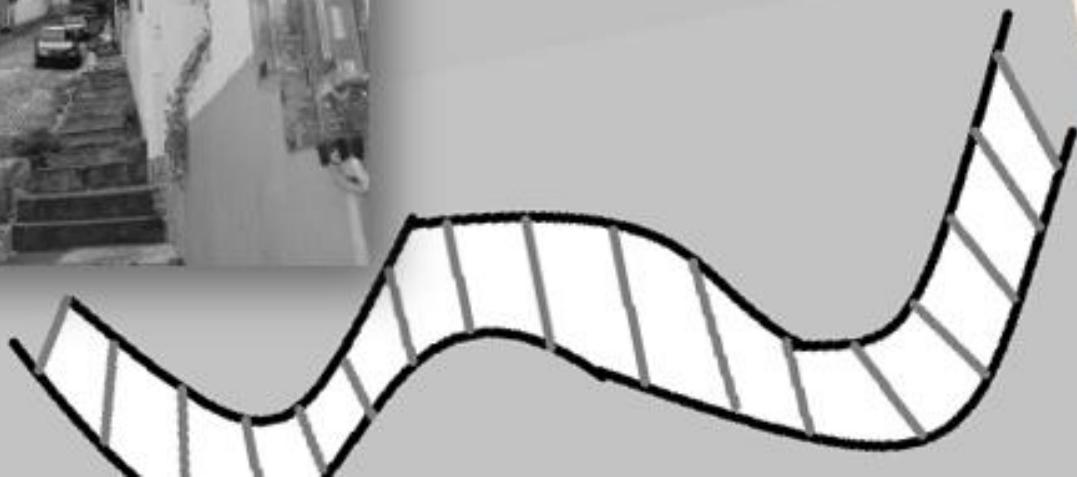
EDUCAÇÃO NÃO É GASTO É INVESTIMENTO



Autor: Vânia Mefano
Título: Cadê o Estado?
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Vânia Mefano
Título: Vermes
Data: 2020
Técnica: Colagem digital



Autor: Vânia Mefano
Título: A cidade como espaço da infância
Data: 2020
Técnica: Colagem digital

